

**DON  
WINSLOW**

**A QUEDA**

Tradução  
Isabella Pacheco



Rio de Janeiro, 2021

# SUMÁRIO

Despedaçado

Crime 101

O zoológico de San Diego

Pôr do sol

Paraíso

A última volta

*Agradecimentos*

# DESPEDAÇADO

O mundo quebra todas as pessoas, e algumas ficam mais fortes nos lugares quebrados.

— ERNEST HEMINGWAY, *ADEUS ÀS ARMAS*

**V**ocê não precisa dizer a Eva que o mundo é um lugar quebrado.

Atendente do 911 de Nova Orleans do turno da noite, Eva McNabb ouve as rachaduras da humanidade durante oito horas seguidas, cinco dias por semana, e mais ainda quando trabalha em turnos dobrados. Ouve os acidentes de carro, os assaltos, os tiroteios, os assassinatos, as mutilações, as mortes. Ouve o medo, o pânico, o ódio, a fúria, o caos, e envia homens *na direção* disso tudo.

Bem... Homens, em sua maioria — há cada vez mais mulheres nesse trabalho. Mesmo assim, Eva sempre pensa neles como seus “caras”, seus “garotos”. Ela os envia para dentro dessas rachaduras e reza para que voltem inteiros.

Geralmente eles voltam, mas nem sempre. No entanto, ela segue enviando mais de seus caras, de seus garotos, para os lugares despedaçados.

Em algumas ocasiões, literalmente, pois seu marido foi policial, e hoje seus dois filhos adultos também são.

Portanto, ela conhece essa vida.

Conhece esse mundo.

Eva sabe que é possível sair dessa vida, mas sempre se sai despedaçado.

Mesmo em noites de lua cheia, o rio parece sujo.

Jimmy McNabb não gostaria que fosse diferente. Ele ama seu rio sujo na sua cidade suja.

Nova Orleans.

Ele cresceu e ainda mora em Irish Channel, a algumas quadras de onde está neste momento, atrás de um carro no estacionamento da First Street Wharf.

Angelo, ele e o resto da equipe estão se preparando — coletes, capacetes, armas, granadas. Como uma equipe da SWAT, só que Jimmy se esqueceu de chamar esses caras para a festa. Assim como se esqueceu de chamar a polícia portuária ou qualquer outra, com exceção da sua própria equipe da Divisão de Narcóticos da Unidade de Investigação Especial.

É uma festa particular.

A festa de Jimmy.

— A portuária vai ficar puta — disse Angelo, enquanto vestia seu colete.

— Vamos deixá-los limpar a bagunça — respondeu Jimmy.

— Eles não gostam de ser faxineiros — disse Angelo. Ele gruda o velcro na frente do peito, fechando o colete. — Me sinto um idiota dentro desta merda toda.

— Você *parece* um idiota mesmo — falou Jimmy.

O maldito colete deixa seu parceiro parecendo o boneco da Michelin. Angelo tem um corpo definido — fez uma dieta rígida de banana e milk-shake para ganhar peso quando entrou no departamento, e desde então não engordou nem mais um quilo. É magro, como o bigode lápis que ele acha que o deixa igual ao Lando, de Star Wars, mas não é verdade. Com a pele

morena e o corpo esbelto, Angelo Carter cresceu na Ala Nove, aquela com a maior quantidade de negros da cidade.

Já o colete de Jimmy está apertado.

Ele é um homem grande — 1,93 metro de altura, com o peito e os ombros largos de seus ancestrais irlandeses, que vieram para Nova Orleans escavar as barragens do canal com picaretas e pás. Como policial, ele raramente precisava gritar com os civis — mesmo dentro do French Quarter —, pois seu tamanho e olhar eram suficientes para intimidar o bêbado mais hostil e causar uma mudança repentina de comportamento em qualquer um.

Mas, quando Jimmy tinha de intervir, era preciso uma equipe inteira de oficiais para contê-lo. Uma vez, ele destruiu — *destruiu* — um grupo de fortões que veio de Baton Rouge e resolveu causar confusão no Sweeny's, o bar na vizinhança de Jimmy. Os caras entraram empertigados e falando alto, e saíram na horizontal e calados.

Jimmy McNabb era um policial durão, assim como seu pai havia sido.

O grande John McNabb era uma lenda.

Seus dois filhos não tinham outra alternativa a não ser virarem policiais. Não que algum deles quisesse ser outra coisa.

Jimmy olha para o resto da sua equipe. Ele percebe que estão tensos, mas não em excesso, no limite ideal.

O limite necessário.

O próprio Jimmy sente isso, a adrenalina começando a correr pela sua corrente sanguínea.

Ele gosta da sensação.

Sua mãe, Eva, diz que o filho sempre gostou de ficar pilhado, não importando se isso vem da adrenalina, da cerveja, do uísque, de uma corrida de cavalo no hipódromo Jefferson Downs ou de ser o rebatedor do último lançamento em um jogo da liga de beisebol da polícia. Ela dizia: “O Jimmy gosta de ficar pilhado.”

Jimmy sabe que ela está certa.

Ela geralmente está.

Ela também acha isso.

Jimmy e seu irmão mais novo tinham uma expressão para isso: a última vez em que Eva esteve errada.

Tipo: “A última vez em que Eva esteve errada, os dinossauros dominavam a Terra.” Ou: “A última vez em que Eva esteve errada, Deus tirou o sétimo dia para descansar.” Ou o preferido de Danny: “A última vez em que Eva esteve errada, Jimmy tinha uma namorada fixa.”

Que foi, tipo, na oitava série.

“Jimmy é um ótimo arremessador, mas prefere jogar solto na defesa”, Eva disse certa vez.

“Hilário, Eva”, Jimmy pensa.

Você é uma piada.

Danny e ele sempre se referiram à mãe como “Eva”. Na terceira pessoa, mas nunca na cara dela. Assim como eles chamavam o pai de “John”. Essa história começou quando Jimmy tinha, talvez, sete anos, Danny e ele estavam trancados no quarto de castigo por causa de uma jogada de beisebol e uma vidraça quebrada, e Jimmy disse “Cara, a Eva estava furiosa de verdade”. E assim ficou.

Jimmy olha de relance para Wilmer para dar uma conferida. Wilmer Suazo tem olhos meio esbugalhados, mas o Hondurenho sempre parece estar um pouco nervoso, é normal. Jimmy o chama de hondurenho, mas ele cresceu no Irish Channel também, num bairro pequeno chamado Barrio Lempira, e está lá desde antes de Jimmy nascer.

Baixo e largo como uma geladeira, Wilmer é um cara de Nova Orleans tanto quanto o resto deles, e é bom ter um latino na equipe, especialmente nos dias de hoje, em que um monte de hondurenhos e mexicanos vieram trabalhar na reconstrução da cidade depois do Katrina, e ninguém se importa mais com green card.

Muito bom tê-lo hoje também.

Porque o alvo é hondurenho.

Jimmy pisca um dos olhos para ele.

— Tranquilo, mano.

Wilmer faz que sim com a cabeça.

Harold — não o chame de “Harry” — nunca fica nervoso.

Jimmy imagina se Gustafson tem batimentos cardíacos, pois é muito tranquilo. Uma vez, ao se encaminharem para um assalto onde ele poderia muito bem ter morrido, Harold dormiu no banco de trás do carro. Para Jimmy, ele é um “milk-shake de baunilha” — suave, bom e muito branco. Loiro, de olhos azuis, quase um diácono da igreja.

Até Wilmer controla o vocabulário na presença de Harold, e Wilmer tem a boca mais suja que uma privada do Terceiro Mundo. Mas quando Harold está no ambiente, Wilmer xinga

em espanhol, acreditando, com razão, que Gustafson não entende uma palavra sequer.

McNabb é grande, Gustafson é maior ainda.

— Nós não precisamos construir uma barreira de proteção — opinou Jimmy —, basta Harold se deitar.

Numa aposta, uma vez (não entre Jimmy e Harold, pois Harold não faz apostas), Gustafson desafiou Jimmy no supino.

Dez vezes.

Jimmy perdeu cinquenta dólares, mas valeu a pena assistir.

Tenho uma boa equipe, pensa Jimmy.

Espertos, corajosos (mas não destemidos, ser destemido é idiotice), suas forças e fraquezas e seus talentos combinam-se perfeitamente. Jimmy conseguiu mantê-los juntos durante cinco anos, e hoje eles conhecem os movimentos uns dos outros como se fossem seus próprios.

Esta noite, eles precisariam de tudo isso.

Nunca fizeram uma operação num barco.

Fábricas de heroína enormes, impérios de crack em residências comuns, gangues de motocicleta e de rua — tudo isso eles já haviam vivenciado, inúmeras vezes.

Mas um navio de carga?

Era a primeira vez.

Era a maneira que Oscar Díaz estava usando para trazer seu carregamento imenso de metanfetamina, e é isso o que eles irão impedir.

Eles estavam na cola do hondurenho há meses.

Mas já tinham aliviado demais. Deixaram passar as merdas pequenas, esperaram Oscar fazer um movimento grande.

E agora era a hora.

— Tá certo, vamos fazer logo isso — avisa Jimmy.

Ele volta ao carro e pega sua antiga luva de beisebol, a mesma desde os tempos de colégio, com a marca arredondada das inúmeras bolas que já pegou.

Os outros também pegam suas luvas, e ficam a alguns metros de distância, lançando a bola como se fosse um treino fora do campo. Era quase cômico, em seus coletes e capacetes, mas era um ritual, e McNabb respeita rituais.

Nunca perderam um policial quando jogavam bola antes de uma operação, e ele não tinha intenção alguma de perder alguém desta vez.

Era um lembrete tácito: não deixe a bola cair.

Eles passam a bola de um para o outro, e, então, Jimmy tira a luva e diz: “*Laissez les bon temps rouler.*”

Em bom português, que comecem os trabalhos.

Eva McNabb ouve a voz da criança ao telefone.

É uma VD, ligação de Violência Doméstica.

O garotinho está apavorado.

Casada com o grande John McNabb há quase quarenta anos, Eva — 1,60 metro de altura contra 1,93 metro dele — conheceu a violência dentro da própria casa. John não batia mais nela, mas é um alcoolista raivoso e malvado, e bebe com mais frequência do que deveria desde que parou de bater nela. Desde então, ele lança copos e garrafas e soca as paredes até abrir buracos.

Ou seja, Eva está familiarizada com uma VD.

Mas esta é diferente.

Todas são terríveis, mas esta é *realmente* pior.

Ela ouve na voz do menino, nos gritos ao fundo, os berros, o som oco dos golpes, que consegue perceber *pelo telefone*. Já começou terrível, e a única coisa que ela pode fazer é tentar ver se a situação não acaba pior.

— Querido — diz ela, com delicadeza —, você está me escutando? Você me escuta, querido?

A voz do menino treme.

— Sim.

— Que bom — responde Eva. — Como você se chama?

— Jason.

— Jason, eu me chamo Eva. — É uma violação do protocolo dizer seu nome, mas foda-se, Eva pensa. — Agora, Jason, a polícia está a caminho. Eles vão chegar aí já, já, mas até lá... tem uma secadora de roupa na sua casa, não tem?

— Tem.

— Ótimo — fala Eva. — Agora, Jason, querido, preciso que você entre dentro da secadora, tá bem? Você consegue fazer isso para mim?

— Sim.

— Ótimo. Faça isso agora mesmo. Vou ficar com você ao telefone.

Ela ouve o menino se mexendo. Ouve mais gritos, mais berros, mais xingamentos. E então, pergunta:

— Você está na secadora, Jason?

— Sim.

— Muito bom — diz Eva. — Agora, preciso que você feche a tampa da máquina atrás de você. Consegue fazer isso? Não fique com medo, querido, estou bem aqui com você.

— Fechei.

— Muito bem. Agora você vai ficar aí dentro e nós vamos conversar até a polícia chegar. Tá bem?

— Tá bem.

— Aposto que você gosta de videogame — ela brinca. — De quais jogos você gosta?

Eva passa os dedos pelo cabelo preto curto, o único sinal de nervosismo que demonstra, e ouve o menino contar sobre Fortnite, Overwatch e Black Ops 3. Ao olhar para a tela à sua frente, ela observa a luz piscante, que representa o carro de polícia que segue em direção ao endereço do menino em Algiers.

Danny está num carro no Distrito 4, mas não é a área dele.

Ela fica aliviada.

Eva é superprotetora com seus filhos, mas Danny é o mais novo, o mais sensível (Jimmy é tão sensível quanto um soco-inglês), o mais doce, e ela não quer que ele veja o que o policial que entrar naquela casa está prestes a ver.

O carro está próximo, quase a uma quadra de distância, com duas outras viaturas atrás — nenhuma delas é a de Danny. Ela enviou as três com o aviso de que há uma criança envolvida.

Todos os policiais da região sabem que, se Eva McNabb diz para irem rápido, é melhor que seja *rápido* mesmo. Ou terão que responder a ela, o que ninguém quer fazer.

Eva ouve as sirenes pelo telefone.

E depois um tiro.

A bala atinge o casco de metal perto *demaaaais* da cabeça de Jimmy e ricocheteia por todos os cantos de forma tão aleatória que Angelo se joga no deck.

Por um instante, Jimmy acha que seu parceiro foi atingido, mas Angelo se escora firme no canto e faz um sinal de positivo com a mão.

Não é uma boa recepção os hondurenhos atirando, disparando toda a munição com um barulho ensurdecedor, como bolinhas num globo lotérico, e Jimmy e sua equipe presos numa passagem estreita.

Talvez eu *devesse* ter chamado a equipe da SWAT, Jimmy pensa.

As balas vêm de uma escotilha aberta a uns nove metros da passagem. Alguém tem que ser o primeiro a alcançar aquela entrada, Jimmy pensa, ou devemos simplesmente colocar nosso rabo entre as pernas e vazar deste barco.

Esse alguém serei eu, Jimmy pensa. Ele destrava uma granada de luz e som do cinto e joga na abertura. Um lance firme, sem rodeios, somente uma bola rápida lançada na zona de strike.

A luz branca explode, e espera-se que tenha deixado cegos os atiradores do outro lado.

Jimmy surge por trás, atirando em sua frente.

Recebe alguns disparos de volta, mas ouve passos no deck de metal, correndo em fuga.

— Polícia de Nova Orleans! Abaixem as armas! — anuncia ele, pelo bem do código de conduta.

Jimmy ouve passos, mas não precisa se virar para saber que Angelo, Wilmer e Harold estão logo atrás dele. À sua frente, ele vê um homem, que rapidamente desaparece. E então Jimmy percebe que ele fugiu pela escada.

Jimmy chega ao topo da escada a tempo de ver o cara descendo os últimos degraus, mas Jimmy não faz isso. Coloca uma mão no corrimão, pula e aterrissa na frente do cara.

O homem levanta sua arma, mas Jimmy age antes, um gancho que deixa seu inimigo caído no deck, inconsciente. Jimmy pisa no rosto dele só por precaução — e para ensinar uma lição do que acontece quando você aponta uma arma para um policial da Divisão de Narcóticos.

E então, fica tudo preto.

Danny McNabb está na patrulha do cemitério.

Ele não se importa. Muitos crimes acontecem nos arredores do cemitério, e um policial de patrulha no segundo ano de serviço precisa de ação se quiser crescer na vida. Ele gosta dessa função no Distrito 4 — Algiers —, pois Algiers, embora seja tecnicamente parte de Nova Orleans, é um mundo particular.

O “Oeste Selvagem”, como costumam chamar.

O lugar mantém um policial de patrulha ocupado, e Danny gosta de ficar ocupado. Mas, agora, suas pernas compridas estão começando a ficar com câimbra, por ficar sentado no carro durante tantas horas.

Se seu irmão Jimmy é um touro, Danny é um puro-sangue inglês.

Comprido, esguio e magro.

Ele ainda se lembra do dia em que se percebeu mais alto que Jimmy, quando sua mãe marcava a altura da cabeça com um lápis no batente da porta do guarda-roupa do quarto. Jimmy ficou puto e insistiu em brigar com ele. (“Você pode ser mais alto, mas não é mais forte.”) Eva não permitiu que a briga acontecesse.

Depois, à noite, eles saíram para assistir a um jogo, e no caminho, Jimmy falou, sério:

— Você pode até ser mais alto agora, mas ainda é meu irmão mais novo. E sempre será. Entendeu?

— Entendi — respondeu Danny. — Mas sou mais bonito.

— É verdade — concordou Jimmy. — Pena que você tem um pau pequeno.

— Quer medir também?

— Que sorte a minha — continuou Jimmy — ter um irmão viado.

Quando Danny contou a Roxanne essa história, ele trocou as palavras para “gay”. Não era tão engraçado, mas Roxanne é gay e ele sabia que ela não ia gostar da palavra “viado”. Ele sabia que Jimmy não queria dizer nada ofensivo com isso. Ele não odeia os gays — ele odeia *todo mundo*.

Danny perguntou isso a ele uma vez, depois de Jimmy terminar um de seus discursos inflamados.

— Você odeia *todo mundo*?

— Deixa eu ver — respondeu Jimmy. — Gays, lésbicas, héteros, pretos, espanhóis, brancos... asiáticos, se houvesse algum aqui... é, eu meio que odeio todo mundo. Você vai odiar também, depois de alguns anos neste trabalho.

A mãe e o pai de Danny diziam quase a mesma coisa. Que a grande decepção do trabalho na polícia é que ele faz com que você odeie todo mundo, exceto outros policiais. Mas ele não acredita nisso. Ele só acha que a polícia tem uma experiência seletiva com as pessoas. Policiais veem muita coisa ruim e esquecem que o bem existe.

Eva não queria que Danny fosse policial.

— Seu marido é policial — respondeu ele. — Seu outro filho é policial.

— Você é diferente deles — retrucou ela.

— Diferente como?

— Digo de um jeito bom — falou Eva. — Não quero que você acabe como seu pai.

Raivoso, amargo, bêbado.

Culpando o trabalho por isso.

Mas esse é ele, Danny pensou. Não sou eu.

Jamais *serei* eu.

Ele tem uma vida boa agora.

Um emprego bom, um apartamento bacana no Irish Channel, uma namorada que ele ama. Jolene é enfermeira no turno da noite em Touro, então até os horários deles combinam. E ela é um amor, tem cabelo preto comprido, olhos azuis e um senso de humor afiado.

A vida é boa.

A viatura está estacionada na Vernet Street, perto do McDonough Park, do outro lado da rua da Igreja do Santo Nome de Maria, porque o pároco reclamou com o capitão

sobre os “pervertidos” que cruzam o parque nas primeiras horas da manhã.

Como se padres pudessem reclamar de pervertidos, Danny pensa.

Eva o obrigou a ir à missa até ele completar treze anos, embora ela mesma nunca fosse. Ele e Jimmy frequentaram escola católica a vida toda, até o ensino médio, e Jimmy costumava dizer que havia dois tipos de garotos nas escolas católicas, “os espertos e os comidos”.

Jimmy e Danny eram do grupo dos espertos.

De qualquer forma, Roxanne e ele ficaram estacionados ali a porra da semana inteira só para deixar o padre feliz, e não viram um “pervertido” sequer. Danny estava entediado pra cacete.

De ficar sentado ali no escuro.

Alguém acendeu a luz.

Tudo o que Jimmy consegue ver são luzes vermelhas, passando pela escuridão como num lugar idiota de jogos a laser, só que na realidade, essas balas eram reais, a morte era real.

Um ponto vermelho mira em seu peito, e ele se joga no deck.

— No chão! No chão! Todo mundo no chão! — grita ele.

Ele ouve sua equipe deitar no chão.

Os pontos vermelhos passam em busca deles.

Jimmy pega sua lanterna, liga e a lança à sua esquerda. Ela atrai atenção, e ele fica à vista num emaranhado de luzes e tiros. Angelo e Wilmer fazem o mesmo, e Jimmy ouve a arma de Harold disparar.

E, logo depois, ouve um grunhido e um gemido de dor.

— Não façam isso! — grita Jimmy. — Abaixem as armas!

Fala pra eles, Wilmer!

Wilmer grita a mensagem em espanhol.

A resposta é um tiro.

Merda, Jimmy pensa.

Na verdade, *puta* merda.

E então ouve um motor ligando.

Mas que...?

Luzes se acendem.

Lanternas.

Ao olhar para a esquerda, Jimmy vê Harold dirigindo uma empilhadeira na direção deles. Os garfos têm duas caixas pesadas em cima. Harold as levanta como um escudo e grita:

— Venham!

O resto da equipe sobe como soldados num tanque de guerra, atirando ao redor das caixas enquanto Harold dirige a empilhadeira na direção dos atiradores, iluminados pelo farol, andando para trás no deck, sem terem para onde ir.

Eram quatro.

Sem contar os dois atingidos, tentando engatinhar para longe da empilhadeira.

Eles que se fodam, Jimmy pensa.

Se conseguirem sair da frente, melhor para eles.

Se não... sinto muito.

São mesmo um bando de baratas.

Jimmy se inclina e vê um dos caras andando para trás, levantando um fuzil como se não soubesse o que fazer.

Harold decide por ele. Dirige a empilhadeira na sua direção e o pressiona contra a lateral do barco. Os outros três baixam as armas e colocam as mãos para cima.

Jimmy salta da empilhadeira e dá um tapa na cara de um deles, com força.

— Vocês podiam ter feito isso há vinte minutos e nos poupado um monte de problema.

Angelo encontra um interruptor e acende a luz.

— Veja só — fala Jimmy.

O que ele vê é metanfetamina.

Pilhas e pilhas de retângulos, do chão até o teto, enrolados em plástico preto.

— Deve ter umas três toneladas aqui — conclui Angelo.

Facilmente, Jimmy pensa.

Uma perda de alguns milhões de dólares para Oscar Díaz. Dá para entender porque seus capangas estavam dispostos a morrer.

Oscar não vai ficar feliz.

Wilmer e Angelo amarram os suspeitos com braçadeiras de plástico. Harold ainda mantém o cara com o fuzil preso contra a parede, embora a arma tenha sido esmagada no deck.

Jimmy caminha até ele:

— Você se meteu numa situação bem difícil, não é verdade?

O garoto do fuzil se contorce.

— O que nós *faremos* com você? — pergunta Jimmy. — Você já viu um carrapato sendo espremido? Sabe quando um carrapato fica todo inchado de sangue e você aperta e ele é *esmagado*? Se eu falar pro Harold pisar no acelerador... puf.

— Não, por favor.

— “Não, por favor”? — repete Jimmy. — Você ia me matar, cara.

— Você quer que eu faça isso agora? — pergunta Angelo. — Esses caras têm que sangrar.

— Só um minuto — pede Jimmy.

Harold e ele levam o garoto do fuzil para o deck.

O rio ainda está lamacento.

Porém com correnteza forte.

— Qual é o seu nome? — Jimmy pergunta para o garoto.

— Carlos.

— Carlos, você sabe nadar?

— Um pouco.

— Espero que sim — responde Jimmy. Ele levanta Carlos por cima do parapeito. — Diga a Oscar Díaz que Jimmy McNabb disse oi.

Ele o larga no mar.

— Agora podemos terminar o trabalho — conclui Jimmy.

Meia hora depois, o barco está inundado de siglas.

NOPD, SWAT, DEA, HP, EMTs, até a polícia estadual da Louisiana apareceu, pois todo mundo quer um pedaço do que pode se transformar na maior apreensão de drogas na história de Nova Orleans.

Maior apreensão de metanfetamina, com certeza.

No cais, a imprensa começa a se amontoar.

Jimmy acende seu cigarro e depois acende o de Angelo.

Angelo dá um trago e pergunta:

— O que o chefe disse?

— Manchetes principais, reportagem pra TV às 11 horas, nenhum ferido — responde Jimmy. — O que Landreau *vai* dizer? “Parabéns”.

— Mas ele está puto.

Landreau está, Jimmy pensa. A SWAT está puta, o DEA está puto, a polícia portuária está puta — Jimmy não está nem aí porque ele sabe...

Oscar Díaz está *realmente* puto.

Ele está, e não porque o rato molhado está encharcando o chão.

O prédio é do outro lado do rio, em Algiers Point. Oscar é dono da cobertura, e do terraço vê o rio Mississippi. Atrás dele, o centro de Nova Orleans, do bairro French Quarter, passando por Marigny e indo até Bywater. Mas Oscar não está interessado nisso. Ele está focado em seu garoto Carlos, que acaba de lhe custar mais do que o preço pago pelo seu apartamento.

Mas custou a ele mais do que isso.

Custou a ele mais do que dinheiro.

Essa seria a empreitada de Oscar — erguer-se do ranking mediano do mundo das drogas para o topo. Essa era sua grande chance — movimentar essa quantidade de drogas pelo rio, de St. Louis até Chicago. Provar que Nova Orleans podia ser um eixo de transbordo, usar o rio e o porto para movimentar a mercadoria, armazená-la em caminhões e distribuí-la pelas estradas. Se conseguisse fazer isso, o pessoal de Sinaloa o deixaria responsável por muito mais carregamento, metanfetamina suficiente para entrar no mercado de LA e Nova York.

Com esse episódio, o pessoal iria achar que ele era um merda. Que Nova Orleans é perigosa demais. Ele vai ter que ligar e dizer que perdeu as drogas, e sabe que essa será a última ligação dele que eles vão atender.

Então, ele perdeu as drogas, perdeu o dinheiro e perdeu a sua chance. Vai passar, pelo menos, mais cinco anos vendendo apenas para os viciados de rua.

Ele anda de volta para a sala de estar e para na frente do seu aquário de 350 litros, contendo os amores de sua vida — sua linda garoupa Netuno amarelo fluorescente (que custou seis mil dólares), seu pequeno robalo-de-barbatana vermelho e prata (de dez mil dólares), seu peixe-anjo-clarim dourado com listras azul-brilhantes (que não lhe custou um dólar sequer, foi um presente do cartel), e sua aquisição mais recente e maior orgulho, seu peixe-anjo-rainha azul de trinta mil dólares, tão caro porque essas belezas vivem em cavernas nas profundezas do mar.

Oscar tem muito tempo, dinheiro, cuidado e amor agregados em seu aquário, com seus corais belos e caros. Ele levanta a tampa, coloca alguns flocos de comida seca, abre um compartimento de plástico contendo pedaços de mexilhão cru e os lança lá dentro.

— Você está estressando meus peixes — diz para Carlos. — Meus peixes são muito sensíveis ao estresse, e estão sentindo o ar pesado bem agora.

— Desculpe.

— Relaxa — responde Oscar. — Agora, *quem* mandou você dizer oi para mim?

— Ele disse que se chamava Jimmy McNabb.

— Do DEA?

— Polícia local — afirma Carlos. — Divisão de Narcóticos.

— E ele jogou você para fora do barco para me dar esse recado?

— Sim.

Oscar vira-se para Rico:

— Leva o Carlos e mata.

Carlos fica branco.

— Tô te *zoando* — continua Oscar, rindo. Ele vira-se novamente para Rico. — Leve meu garoto para um banho quente e dê a ele roupas limpas. Aquela porra daquele rio é imundo. *Entiendes*, Rico?

Rico entende. Leve Carlos e mate-o.

Quando eles saem, Oscar volta para a varanda e olha para a cidade.

Jimmy McNabb.

É, Jimmy McNabb, você acaba de tornar nosso problema pessoal.

Você o tornou pessoal e tirou algo de mim.

Agora, vou tirar algo de você.

Algo com que *você* se importa.

O policial que atendeu ao chamado de VD entra para falar com Eva pessoalmente depois da operação.

Ela ouviu tudo pelo rádio, mas ele quer demonstrar respeito.

— Foi bem do jeito que você previu. O agressor atirou na mulher e depois se matou.

— E o garoto?

— Nós o encontramos dentro da secadora de roupa — responde o policial. — Ele está bem.

Bem para um garotinho que acabou de ouvir seu pai matar sua mãe a tiros, pensa Eva.

— Pelo menos, ele mesmo resolveu — diz ela. — Nos poupou do desgaste de um julgamento.

— Você está certa.

— E o garoto vai para o sistema — conclui Eva.

Ela quer chorar.

Mas Eva não chora.

Não na frente de um policial.

Rico ouve Oscar, sacode a cabeça e diz:

— Você não pode encostar num policial.

Oscar ouve. E depois, responde:

— Quem disse?

Danny e Roxanne ainda estão sentados no parque, pela terceira noite, à espera do pervertido sumido.

— Tá bem — diz Danny, depois de pensar bastante —, como a Rachel, caso com a Monica e mato a Phoebe.

— Coitada da Rachel — retruca Roxanne. — Sempre comida, nunca consegue se casar.

— Não, Ross e ela se casaram em Vegas, lembra?

— Sim, mas eles estavam bêbados.

— Mesmo assim, vale — fala Danny. — E você?

Roxanne responde:

— Mato a Monica, caso com a Rachel e como a Phoebe.

— Essa foi rápida.

— Já pensei muito nisso — explica Roxanne. — Sempre quis comer a Phoebe. Desde a primeira temporada.

— Meu deus, qual era sua idade? Sete anos?

— Eu era uma lésbica precoce. Eu brincava com a Barbie.

— Toda menina brincava de Barbie.

— Não, Danny — diz ela. — Eu *brincava* com a Barbie.

— Ah!

O sangue e o cérebro de Roxanne explodem na cara de Danny.

Tudo acontece muito rápido.

Uma mão segura seu cabelo curto e puxa Roxanne.

O vidro da janela do carro se estilhaça.

Danny pega sua arma, mas uma toalha já está sobre sua boca e seu nariz. Ele chuta o chão, tentando se desvencilhar, mas é tarde demais.

Ele está inconsciente quando é retirado de dentro do carro.

As sirenes soam como cachorros raivosos.

Primeiro uma, depois outra, e então quatro, cinco, uma dúzia, enquanto as viaturas circundam o McDonough Park. Elas passam por Algiers, saem da delegacia do Distrito 4, e do outro lado do rio, do Distrito 8.

Respondem ao código 10-13.

Policia! precisa de reforço.

O barulho é terrível.

Um coro de alarme.

Ecoando por Algiers.

\* \* \*

A festa é no Sweeny's, é claro.

Não poderia ser em outro lugar. Jimmy frequenta o lugar desde pequeno. Literalmente — ele tinha 11, 12 anos quando entrava nos bares para pegar seu pai.

Ou, pelo menos, pegar o cheque do pagamento dele antes que ele o bebesse inteiro.

Hoje é o bar preferido de Jimmy, e seu velho bebe em casa.

Portanto, na noite após a apreensão, foi natural que os policiais se reunissem no Sweeny's para comemorar.

A equipe está lá, é claro — Angelo, Wilmer, Harold — e todos os outros homens e outras mulheres da Divisão de Narcóticos, meia dúzia do Departamento de Inteligência da SID (Divisão de Segurança e Inteligência), e uns policiais e agentes dos Distritos 4, 8 e do local, o 6.

Landreau parou para tomar um drinque. Até alguns promotores da cidade e federais apareceram, e dois homens da DEA vieram trazendo chapéus de cowboy para a equipe, brindando: “Somos como o pau de McNabb — nada de dureza.”

Mas a maioria das pessoas foi embora cedo, e só ficaram a equipe, alguns policiais da Divisão de Narcóticos e outros colegas com quem trabalharam juntos em vários momentos da carreira. Os poucos civis que estão no bar sabem o bastante para não se meterem e para permanecerem silenciosamente entretidos com a história distorcida.

— Estou lá deitado no chão — conta Jimmy —, cagando nas calças e pensando “Estamos fodidos”, e aí Harold... Harold aparece rugindo numa *empilhadeira*...

Um coro começa:

— *Harold! Harold! Harold!*

Harold está em cima do pequeno palco com um microfone na mão, tentando fazer uma comédia stand-up.

— Então, eu vou ao meu proctologista. Ele olha um segundo pro meu ânus e pergunta: “Jimmy McNabb?”

— Eu te amo, Harold — comenta Jimmy, um pouco embriagado. — Sou muito hétero, muito macho e muito cristão...

— *Harold! Harold! Harold!*

Harold bate no microfone para testar.

— Isso tá ligado?

— ... como Jesus amou...

— Judas — complementa Wilmer.

— Não, aquele outro.

— Pedro.

— Pedro ou Paulo... ou uma barra de chocolate — responde Jimmy. — Enfim... o que eu estava falando?

— Todo policial quer um líder íntegro, corajoso e honrado — fala Harold. — Mas nós temos Jimmy McNabb, e eu digo “o que vem fácil, vai fácil”.

Angelo levanta, suas pernas cambaleando, e bate na mesa.

— Angelo quer sexo! Quem quer fazer sexo com Angelo?

— Jimmy quer — responde Wilmer.

Lucy Wilmette, uma veterana do Distrito 8, levanta a mão:

— Eu quero fazer sexo com Angelo.

— Agora estamos falando sério — diz Angelo. — Quem mais?

— Quem *mais*? — pergunta Lucy. — Meu deus, Angelo.

Eva observa as luzinhas piscando na tela.

Como abelhas voltando em bando para a colmeia.

Ela ouve a comunicação por rádio.

*Policia! abatido... Policia! deitado na rua... Chamar ambulância...*

*Confirmando, chamar ambulância... Policia! respondendo... Policia! respondendo... Policia! respondendo... Viatura 240D... Onde está o outro policia!?... Por que ele não responde?... Tiros foram ouvidos... Testemunha no local... Meu deus, é uma criança... Jesus, onde está a ambulância?... Ela está sangrando... Não consigo sentir o pulso... Sean, ela se foi... Onde está o parceiro dela? Porra, onde está o parceiro dela?!*

Viatura 240D.

O carro de Danny.

Com a mão esquerda, ela liga para Jimmy.

Direto para a caixa postal.

Ele está na festa.

No Sweeny's.

Jimmy, atende!

É o seu irmão.

\* \* \*

— Esse é um dos policiais em quem não podemos encostar? — pergunta Oscar.

Danny está com as mãos algemadas a uma cadeira de metal aparafusada ao chão de concreto, num galpão perto do píer em

Algiers Point. Os tornozelos estão algemados às pernas da cadeira.

— Acorde-o — manda Oscar.

Rico estapeia a cara de Danny, até que ele acorda.

— O irmãozinho de Jimmy McNabb — confirma Oscar.

Danny pisca e vê um homem latino com cara de lua de pé à sua frente.

— Quem é você?

— Sou o homem que vai machucar você — responde Oscar.

Ele acende a tocha de acetileno.

A chama fica azul.

Jimmy levanta uma jarra cheia de cerveja.

— Um brinde! Nada de moleza para a bandidagem!

Ele despeja a cerveja da jarra diretamente na boca.

— *Jimmy! Jimmy! Jimmy!*

Jimmy coloca a jarra vazia na mesa, limpa a boca com o dorso na mão e diz:

— Sério...

— Sério — repete Wilmer.

— Um brinde às ruas sem drogas, aos bairros sem armas e à cidade sem os caras maus. Um brinde ao melhor grupo de policiais do mundo. Eu amo vocês, pessoal. Todos vocês. Vocês são meus irmãos e minhas irmãs, e eu amo vocês.

E se joga na cadeira.

— Isso foi Jimmy McNabb sendo legal? — pergunta Lucy.

— É a bebida falando — responde Wilmer.

Gibson, sargento do Distrito 4, entra no Sweeny's e vê a festa rolando. No meio da multidão, ele avista Jimmy McNabb em cima do palco, cantando no karaokê uma versão terrível de "Thunder Road".

Gibson procura Angelo Carter e o encontra em pé no bar.  
— Posso falar com você? — pergunta Gibson. — Lá fora?

\* \* \*

— Caramba! — exclama Angelo. — *Danny?*

A notícia o deixa sóbrio imediatamente. Ele conhece Danny desde pequeno, um irmão mais novo pentelho sempre por perto, idolatrando Jimmy, querendo saber tudo da divisão.

E agora ele está morto?

— É barra pesada — respondeu Gibson. — Encontramos o corpo dele lá perto do cais, em Algiers Point. Ele foi torturado. Queimado.

Todos os ossos do corpo quebrados.

Gibson completa:

— Precisamos contar ao Jimmy.

— Ele vai ficar louco — conclui Angelo.

Jimmy McNabb não ama uma coisa sequer no mundo, exceto seus parceiros da polícia e sua família. Quando descobrir que Danny está morto, ele vai ficar possesso.

Vai destruir o bar.

Vai machucar outras pessoas e a si mesmo.

Eles vão ter que *lidar* com ele.

— Preste atenção ao que vamos fazer — fala Angelo.

Angelo entra pela porta primeiro.

Seguido por Wilmer, Harold, Gibson, três dos policiais mais fortes que ele encontrou no Distrito 6 e Sondra D, que se aproveitou de sua semelhança notável com Marilyn Monroe e construiu uma carreira lucrativa como prostituta, cobrando mil dólares por atendimento. Ela ia ganhar essa quantia ao atender um bombeiro no Hotel Roosevelt quando Angelo ligou.

Tudo no bar fica paralisado.

Tudo normalmente para quando Sondra chega a algum lugar.

Vestido de lantejoula prateada.

Cabelo platinado.

— Jimmy! — grita Angelo. — Tem alguém que veio te ver.

Jimmy olha para baixo do palco e sorri.

Sondra olha para ele e fala:

— Sou a sargento Sondra, de... *Assuntos Internos...*

Todo mundo ri.

Inclusive Jimmy.

— Você foi um policial muito *maaaaau* — diz Sondra com sua voz imitando Marilyn Monroe. Ela pega um par de algemas do decote e as chacoalha com a mão direita. — E agora você está preso.

Harold e Wilmer sobem no palco, pegam Jimmy pelo cotovelo e o levam até Sondra.

— Vire-se — exige Sondra. — Mãos para trás.

— Você vai me algemar? — pergunta Jimmy.

— Para começar.

— Faça o que a mulher está mandando — diz Angelo.

Jimmy dá de ombros.

— Longe de mim discordar...

Ele se vira, coloca as mãos para trás, e Sondra o algema.

Angelo confere para garantir que a algema está firme e presa, curva gentilmente Jimmy em cima do balcão, inclina-se ao lado dele e diz:

— Jimmy, preciso te falar uma coisa.

As pessoas que estavam na delegacia naquela noite disseram que conseguiram ouvir o berro de Eva do lado de fora do prédio.

Isso pode ser verdade ou não.

O que se sabe é que, depois daquela noite, ela nunca mais falou acima do tom de uma voz rouca sussurrada.

Jimmy fica descontrolado.

Sacudindo a cabeça como um louco, ele empurra Angelo para longe, depois vai na outra direção e atinge Wilmer. Ele dá coices com as pernas como uma mula e joga longe um policial.

E então Jimmy começa a bater com a cabeça no balcão.

Uma, duas vezes.

Uma terceira vez.

Forte.

Angelo tenta segurar seus ombros, mas Jimmy, com a cabeça sangrando, se debate, vira para o outro lado e joga-o por cima da mesa. Garrafas e copos voam, e o parceiro cai no chão.

Jimmy dá uma volta e chuta um policial na barriga.

Vira-se de novo e chuta outro no joelho.

Outro policial corre para segurá-lo, mas Jimmy dá uma cabeçada no seu nariz e ele o solta.

Harold o abraça por trás, prende seus braços e levanta seus pés do chão. Jimmy enrosca o pé esquerdo ao redor do tornozelo de Harold e pressiona seu calcanhar direito na virilha de Harold. Harold não o solta, mas afrouxa o abraço o suficiente para que Jimmy estenda o braço direito, coloque a palma da mão no queixo de Harold e empurre com força. A maioria dos homens desistiria antes do pescoço estalar, mas Harold não é a maioria dos homens. Seu pescoço é como de um touro, e ele aguenta firme.

— Eu não quero te machucar, Jimmy.

Jimmy dá duas joelhadas em suas bolas.

Nenhum músculo ali.

Harold solta Jimmy.

Jimmy derruba outra mesa, mais duas cadeiras, corre contra a parede, bate com a cabeça, dá joelhadas e faz um buraco no gesso.

Angelo bate levemente na parte de trás da cabeça dele com um cassetete.

Um movimento hábil e certo.

Jimmy escorrega pela parede, inconsciente.

Quatro homens o carregam para fora do bar e o colocam no banco de trás de uma caminhonete.

Eles o levam até a delegacia do Distrito 6 e o colocam numa cela.

O capitão Landreau não gosta de Jimmy McNabb, mas também não gosta de ver um de seus policiais sentado no chão de uma cela encostado na parede.

— Tire-o dali — diz Landreau. — *Agora.*

Eles abrem a porta, Jimmy se levanta e sai.

Sua equipe espera por ele, mas Jimmy vê dois policiais olhando para um celular, os rostos assustados. Eles param e abaixam o celular quando veem Jimmy.

— O que foi? — pergunta Jimmy. — O que eles estão vendo?

— Você não vai querer ver — responde Angelo.

— O que você está vendo? — pergunta Jimmy para um dos policiais, um com cara de novato assustado.

Ele não responde.

— Eu perguntei que porra você está vendo.

O novato olha para Angelo, como quem pergunta “O que eu faço? É Jimmy McNabb”.

— Por que está olhando para ele? — questiona Jimmy. — *Eu tô falando com você. Me dá essa merda desse telefone.*

— Você não quer ver, Jimmy — avisa Angelo.

— Sou eu que decido o que quero ver — retruca Jimmy. Ele se vira de volta para o novato. — Me dá essa porra.

O novato entrega o celular.

Jimmy vê o vídeo e aperta o play.

E vê...

Danny gritando desesperado.

A cadeira sacudindo como um coelho saltitante de brinquedo.

— Olha para ele pulando! — diz uma voz.

Outra voz:

— Acende o fogo de novo.

— Ele vai morrer. — Uma terceira voz.

— Não deixe que ele morra — manda o segundo homem.

— Ainda não.

Um intervalo no vídeo. Um corte, e então...

A cabeça de Danny cai para frente.

Seu corpo está queimado.

E todo quebrado.

Todos os ossos principais.

— Você filmou tudo? — pergunta o segundo homem.

— Vai viralizar — diz uma voz nova.

— Filma isso também — afirma o segundo homem. —

Beisebol.

Um taco de beisebol atinge a cabeça de Danny.

Outro corte, e...

O corpo de Danny carbonizado, em posição fetal, suas mãos trincadas na direção do rosto, como garras pretas, deitado no meio da grama alta e do lixo ao lado do rio.

Uma legenda surge na parte de baixo do vídeo:

OSCAR DIZ OI.

Jimmy McNabb sempre achou que a expressão “coração despedaçado” fosse uma metáfora.

Agora ele pensa diferente.

O coração dele está despedaçado.

Ele está despedaçado.

Eles enterram Danny num dos jazigos do cemitério de Lafayette N° 1, no Distrito Garden.

O velório foi brutal, com caixão fechado.

As pessoas não vão se encontrar após o enterro. Ninguém quer rir nem contar histórias. Não há motivo para rir, e a vida de Danny foi curta demais para acumular histórias. E John McNabb já está bêbado — como de costume —, só que mais raivoso, mais choroso, mais amargo e até mais calado.

Ele não oferece conforto algum para sua esposa nem para seu filho ainda vivo.

Mas, também, não *há* conforto nessa situação.

Policiais vestindo uniforme completo e luvas brancas — Jimmy é um deles — carregam o caixão até o jazigo.

Os fuzis soam, a gaita de fole toca “Amazing Grace”.

Eva não chora.

Uma mulher baixinha, ainda mais baixa agora, vestida de preto, senta-se numa cadeira retrátil e olha para a frente.

Aceita a bandeira dobrada e a pousa em seu colo.

Jolene chora — com os ombros sacudindo, ela soluça enquanto sua mãe e seu pai a consolam.

A gaita de fole toca “Danny Boy”.

A casa tem o estilo clássico de Nova Orleans, perto da Annunciation Street, logo na saída da Second Avenue. Um pequeno jardim, com grama curta e suja, fica atrás da grade de ferro que cerca toda a calçada rachada.

Jimmy entra pela porta da frente na sala de estar.

Seu velho está sentado numa cadeira de balanço.

Com um copo na mão esquerda, ele olha para fora da janela e não percebe a presença de Jimmy.

Eles não têm muito assunto desde que Jimmy tinha uns dezoito anos, quando finalmente ficou maior que o Grande John, encurralou seu pai bêbado contra a parede da cozinha e disse: “Se você bater na minha mãe de novo, eu te mato.”

Grande John riu e retrucou: “Você não precisa se preocupar com isso. Se eu bater nela de novo, *ela* me mata.”

Acontece que Eva havia comprado uma Glock 19 e disse ao Grande John estas exatas palavras: “Se você levantar o braço para mim de novo, vou te mandar para conhecer o Criador.”

Grande John acreditou nela.

Só bateu em paredes e portas depois disso.

Jimmy passa por ele, no quarto dos seus pais, e depois entra no quarto que Danny e ele dividiam.

É doloroso pra caralho entrar nesse quarto.

Ele se lembra de quando costumava cobrir as orelhas de Danny com as mãos quando Grande John e Eva estavam brigando. Danny perguntava: “O John está batendo na Eva de novo, não está?”

“Não”, Jimmy respondia. “Eles só estão brincando.”

Mas Danny sabia.

Jimmy estava tentando protegê-lo, como sempre fizera, mas não conseguiu protegê-lo disso.

Você não conseguiu protegê-lo quando ele mais precisou, Jimmy pensa ao olhar em volta — as luvas velhas de beisebol; o pôster da Jessica Alba dobrado nas pontas, mostrando a fita adesiva; a janela por onde Danny e ele costumavam fugir durante a noite para beber as cervejas que Jimmy escondia no parque.

Jimmy entra na cozinha, onde Eva está de pé, no canto, servindo seu café forte com raiz de chicória numa caneca.

Uma panela de ensopado de frango ferve no fogão.

Jimmy sempre jurou que a mesma panela de ensopado estivera no fogão durante toda a sua vida, e que Eva entrava de vez em quando e acrescentava mais água e novos ingredientes.

Ela trocou seu vestido preto por uma blusa azul-escura e calça jeans. Ela levanta a chaleira para Jimmy, e ele sacode a cabeça.

— E uma bebida, quer?

— Não.

— Você precisa ficar de olho em Jolene — diz Eva. — Ela está sofrendo.

— Farei isso.

Ela olha para ele de cima a baixo, faz uma avaliação demorada. E então, diz:

— Você é um homem raivoso, Jimmy. Era um garoto raivoso também.

Jimmy dá de ombros.

Eva está certa.

— Você odeia tudo só para poder odiar — afirma ela.

Está certa de novo, Jimmy pensa.

— Tentei amar o ódio que há em você — Eva continua —, mas você foi consumido por ele. Talvez tenha sido seu pai, talvez eu, talvez fosse somente sua natureza, mas eu não conseguia te entender.

Jimmy não fala uma palavra sequer.

Ele conhece Eva bem o suficiente para saber que ela ainda não terminou de falar.

— Danny não era assim — segue ela. — Era um garoto amável, um homem amável. Era o melhor de todos nós.

— Eu sei.

Outro olhar demorado, outra avaliação. E então, Eva coloca a mão dele entre as dela.

— Quero que você abrace tudo o que tentei amar em você. Quero que abrace seu ódio. Quero que vingue a morte do seu irmão.

Ela olha para seu rosto machucado e cortado.

Dentro dos seus olhos roxos e inchados.

— Você faria isso por mim? — pergunta Eva. — *Faça* isso por mim. Pense em Danny. Pense no seu irmão mais novo.

Jimmy assente.

— E mate todos eles — Eva conclui. — Mate todos os homens que mataram meu Danny.

— Vou matar.

Eva solta a mão dele.

— E faça-os *sofrer* — acrescenta.

\* \* \*

O colchão anti-impacto está no French Quarter, no segundo andar de um prédio antigo na Dauphine Street.

O apartamento pertence a um traficante de maconha dos grandes, que cumpre oito anos de prisão em Avoyelles. Ele está preso lá em vez de em Angola, Penitenciária Estadual de

Louisiana, porque McNabb falou com o juiz da sentença, que lhe devia um favor.

Assim, a equipe consegue um local de descanso no French Quarter, perto das boates, dos bares e das turistas. Eles aproveitavam bastante.

Mas eram outros tempos.

Desta vez, Jimmy está de pé no meio da sala.

— Havia quatro vozes na gravação — diz ele. — Uma delas era obviamente de Oscar Díaz. Não sabemos de quem são as outras três.

— O garoto que você jogou no rio apareceu morto — afirma Angelo. — Com um tiro atrás da cabeça. Não tem como nos ajudar.

— E os outros que prendemos? — pergunta Jimmy.

Wilmer toma a palavra. Ele é hondurenho.

— Um foi esfaqueado em Orleans — responde ele, referindo-se à cadeia principal da cidade. — Sangrou até a morte, antes que os carcereiros chegassem. Os outros dois pagaram fiança.

— Porra, você tá de sacanagem.

— Estão sumidos — completa Wilmer. — Provavelmente fugindo mais de Oscar do que de nós.

— E Oscar?

— Estive por todo canto de Barrio Lempira — responde Wilmer, falando do maior bairro hondurenho da cidade. — Fui à St. Teresa. Ninguém sabe onde ele está escondido.

— Ou sabe e não quer entregar a cabeça dele — conclui Angelo.

Wilmer sacode a cabeça.

— Não. Falei com amigos, primos, familiares. A comunidade toda está puta com o que aconteceu com Danny. Esse escroto desse Oscar é novo por aqui. Não tem família, nada. Ninguém conhece ele.

— Alguém conhece — discorda Jimmy. — Alguém conhece alguém que conhece ele. Volte no bairro. Pressione as pessoas.

— Vai ser quase impossível achar esses quatro caras — avisa Harold.

— Não preciso achar os quatro — afirma Jimmy. — Só preciso encontrar o primeiro.

Jimmy e Angelo dirigem até Metairie, do outro lado da Estrada 61, em Jefferson Parish.

Um subúrbio verde, cheio de árvores.

— Não deixavam os latinos comprarem casa aqui — explica Angelo. — Quando você vinha pra Metairie, só tinha branco.

— O que mudou? — pergunta Jimmy.

— Katrina. As pessoas precisavam de casas, o mercado não conseguiu resistir.

— Você queria morar aqui? — pergunta Jimmy.

— Deus me livre, não.

— Então por que se importa com isso?

— Não me importo — responde Angelo. — Só estou contando.

Angelo pega a Northline para a Nassau Drive, um arco de mansões com jardins enormes e piscinas que fazem divisa com o country clube.

A casa de telhas vermelhas de Charlie Corello fica na sexta rua transversal. Angelo estaciona na calçada da frente, e eles caminham até a porta e tocam a campainha. Uma criada atende a porta e conduz os dois até uma piscina num jardim interno.

Sem camisa, bronzeado e besuntado de protetor solar, Corello está sentado debaixo de um ombrelone numa mesa de ferro, bebendo chá gelado e olhando para o seu computador. Ele se levanta e põe a mão no ombro de Jimmy.

— Sinto muito pelo seu irmão, Jimmy.

— Obrigado.

— Sentem-se aí. — Ele gesticula na direção de duas cadeiras.

— Que bom te ver, Angelo. Vocês querem alguma coisa?

— Não, obrigado.

O cabelo espesso da cabeça de Charlie é branco como a neve, e ele engordou um pouco desde a última vez em que Jimmy o viu — talvez uns cinco anos atrás. O avô de Charlie era dono de Nova Orleans inteira. Que nada, ele era dono de todo o estado da Louisiana. Verdade seja dita, o cara era dono de boa parte dos Estados Unidos.

Algumas pessoas dizem que o avô de Charlie mandou assassinar o presidente dos Estados Unidos.

A família Corello não é mais o que era, mas Charlie ainda exerce grande influência em Nova Orleans. Drogas, prostituição, extorsão, proteção — as atividades comuns da máfia.

Todos eles pagam para Charlie se sentar debaixo de um ombrelone ao lado do country clube.

— Como Eva está enfrentando tudo isso? — pergunta Charlie.

— Do jeito que você pode imaginar.

— Mande um abraço para ela.

— Pode deixar.

— O que posso fazer para ajudá-los?

— Você faz negócio com algum hondurenho? — pergunta Jimmy.

— Esta conversa é extraoficial? — indaga Charlie. — Preciso apalpar vocês dois em busca de escutas?

— Você me conhece para saber que não.

Charlie conhece mesmo. Os dois já fizeram negócios, há tempos, quando Jimmy era da polícia municipal e depois quando foi oficial à paisana em Vice. Jimmy recebeu um envelope no Natal, Charlie garantiu que o pessoal dele não era violento com as garotas nem vendia drogas para crianças.

Os dois mantiveram sua palavra.

Jimmy não recebe envelopes desde que foi para a Divisão de Narcóticos e já prendeu alguns associados de Charlie, mas nunca reabriu o caso de Metairie.

— Compro produtos de alguns hondurenhos — confessou Charlie — mas não desse escroto do Díaz.

— Então você não sabe como encontrá-lo.

— Posso colocar meu pessoal atrás dele e, se eles encontrarem algo, você será o primeiro a saber — responde Charlie.

— Eu agradeço — fala Jimmy. — Tem uma coisa que *you* precisa saber. Vou fazer muita pressão na comunidade de tráfico

de drogas, e desta vez vou seguir as pistas para onde elas me levarem, mesmo que signifique chegar até Jeff Parish. *Capisce*, Carlo?

— Não me ameace, Jimmy — avisa Charlie. — Vamos voltar lá atrás, nos nossos pais, bem antes de nós. Venha até mim como amigo.

— Como amigo — diz Jimmy —, havia quatro caras naquele galpão. Quero qualquer um deles.

Charlie dá um gole do seu chá e olha por um tempo para o seu campo de golfe, onde quatro mulheres bêbadas riem no gramado. Ele olha de volta para Jimmy e afirma:

— Vou conseguir um nome para você.

Wilmer e Harold entram na pequena boate de Barrio Lempira com seus distintivos estendidos na frente.

Tinha cerca de uma dúzia de pessoas sentadas no balcão ou em mesas no meio do dia. A maioria era homem, todos hondurenhos, nenhum feliz em ver a polícia.

— Boa tarde! — cumprimenta Wilmer. — Esta é uma visita amigável do Departamento de Polícia de Nova Orleans.

Resmungos, xingamentos.

Um homem corre em direção à porta dos fundos, mas Harold é rápido para o seu tamanho. Ele pega o homem pelas costas da camiseta e o lança contra a parede.

— Esvaziem os bolsos! — ordena Wilmer. — Coloquem tudo em cima do balcão ou da mesa! Se encontrarmos algo escondido no bolso de vocês, ou os itens vão descer goela

abaixo ou vão entrar pelo rabo de vocês, dependendo do meu humor sempre imprevisível! *Háganlo!*

Mãos vasculham bolsos e saem repletas de notas de dinheiro amassadas, moedas, chaves, telefones, pequenas trouxinhas de maconha, comprimidos, uma seringa, uma colher.

Harold apalpa o homem que tentou fugir, encontra uma faca dobrável e um saquinho de maconha, um bolo de notas e alguns cristais de metanfetamina.

— Veja só o que temos aqui!

— Não é meu.

— É a primeira vez que ouço isso. — Ele arranca a carteira do bolso de trás do homem e pega sua carteira de motorista. — Se eu procurar seu nome, Mauricio Mendez, vou encontrar algum mandado bizarro? Não minta pra mim.

— Não.

— Eu falei pra não mentir pra mim.

O dono atrás do balcão do bar olha de cara feia para Wilmer. Wilmer vê o olhar.

— Você tá me olhando de cara feia, *cabrón?* Tem algo pra me contar?

O dono murmura algo sobre “sua galera”.

Wilmer caminha até ele, segura-o pela camisa e o puxa por cima do balcão.

— Deixa eu te dizer uma coisa. Você não faz parte da minha galera. A *minha* galera trabalha. Eles estão trabalhando por aí em vez de bebendo num bar de merda no meio da tarde.

Ele puxa o dono para mais perto.

— Você quer resmungar mais alguma coisa para mim, chefe, ou quer manter seus dentes dentro da boca?

O dono olha para baixo.

Wilmer inclina o corpo e sussurra:

— Todos os dias, *cabrón*, eu voltarei todos os dias até esses *cucarachas* pararem de aparecer aqui. O bombeiro, a vigilância sanitária, eles também virão todos os dias, e uma gorjeta de vinte dólares não irá impedi-los de encontrar irregularidades.

— O que você quer, dinheiro?

— Você *quer mesmo* um tapa na cara, né? — Wilmer se irrita.

— Não quero dinheiro algum, *cabrón*, quero nomes. Quero o nome de qualquer pessoa que conheça Oscar Díaz ou de qualquer pessoa que conheça qualquer pessoa que conheça ele.

Ele solta o dono do bar e se vira para um rapaz jovem sentado num banco alto.

— Vou revistar você, *m'ijo*.

— Eu não sou seu filho.

— Você não sabe disso — retruca Wilmer. — Eu transo por aí. Mãos no balcão.

O garoto coloca as mãos em cima do balcão. Wilmer o revista e encontra uma trouxinha de maconha no bolso da calça jeans. — O que foi que eu disse? Hein? O que foi que eu te disse?

Wilmer arranca a maconha de dentro do saquinho e segura na boca do garoto.

— *Bon appétit*.

O garoto sacode a cabeça e cerra a boca.

— Você quer pelo seu *culo* então? — pergunta Wilmer. — Porque eu farei isso. E depois te levo preso. Agora, come.

O garoto abre a boca e mastiga a maconha.

Wilmer fala com o resto dos caras:

— Guardem suas chaves e seu dinheiro de volta no bolso! Todo o resto é meu. Todos vocês souberam o que aconteceu com aquele policial jovem. Isso traz vergonha pra minha comunidade. Alguém venha até mim com os nomes. Ou vocês não terão para onde ir no meio da tarde. Para onde quer que forem, eu estarei lá!

Harold pergunta:

— O que quer fazer com esse aqui?

— Leva com a gente.

Eles arrastam o cara para fora do bar e o jogam no banco de trás do carro. Harold joga o nome dele no sistema e encontra inúmeros mandados de prisão por violação da condicional e posse com intenção de tráfico.

— O que foi que eu disse sobre mentir pra mim?

— Tá bem, eu tenho mandados de prisão — confessa Mauricio.

— Essa é a menor das suas preocupações — retrucou Wilmer. — Estamos te levando para ver Jimmy McNabb.

Os dois carros estacionam numa viela de Algiers.

Jimmy empurra Mauricio contra o para-choque dianteiro.

Angelo senta na calçada, olhando para o telefone de Mauricio.

— Qual é sua senha?

— Não tenho que dizer para você — responde Mauricio. — Conheço meus direitos.

— O cara conhece os direitos dele, Jimmy — repete Angelo.

— Conte mais — Jimmy fala para Mauricio.

— O quê?

— Sobre seus direitos — completa Jimmy. — Conte-me sobre eles.

— Tenho direito de permanecer em silêncio...

— E...?

— Tenho direito a um advogado — Mauricio continua. — Se eu não puder pagar, o estado irá designar um para mim.

— Você pode pagar? — indaga Jimmy.

— Não.

— Então eu me designo — anuncia Jimmy. — E como seu advogado, eu te aconselho a dizer sua senha antes que eu peça pro Harold segurar sua mão na porta do carro e fechá-la com força. Ouça meu conselho, Mauricio.

— Você não faria isso.

— Com qual mão você bate punheta, Mauricio? — pergunta Angelo. — Seja lá qual for, diga que é a outra, porque ele realmente faria isso.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis — diz Mauricio.

— Sério? — pergunta Jimmy.

— É fácil lembrar.

— É por isso que odeio drogados. Vocês são imbecis pra caralho.

— Deu certo — avisa Angelo. Ele vasculha o telefone. — Aparentemente, a palavra secreta de Mauricio para

metanfetamina é “*taquitos*”. “Estou com o *dinero*. Estou indo buscar um quarto de *taquitos*.”

— Estou com um pouco de fome, poderia comer uns *taquitos* — fala Jimmy. — Mauricio, você não se importa se enviarmos uma mensagem para o seu traficante e marcarmos um encontro, não é? Isso violaria seus direitos?

Mauricio faz cara de resignação.

— Acho que não tenho escolha.

Angelo diz:

— O cara respondeu “no lugar de sempre”. Onde é?

Mauricio não responde.

— Abra a porta do carro — manda Jimmy.

Mauricio dá um endereço na Slidell Street, em Algiers.

— E um nome — Jimmy exige.

Fidel.

A caminho de Algiers, o telefone de Jimmy toca.

— McNabb.

— Você não me conhece — fala uma voz masculina. — Sou um dos homens de Charlie. O cara que você está procurando se chama José Quintero. Ele estava lá.

— Você tem a localização dele?

— Não, desculpe.

— Diga a Charles que eu agradeço — diz Jimmy. — Como amigo.

\* \* \*

Wilmer bate na porta de Fidel.

— *¿Quién es?*

— *Mauricio.*

A porta abre, mas o trinco de corrente continua fechado.

Harold chuta a porta.

Jimmy entra enquanto Fidel tenta se levantar do chão. Jimmy não deixa e dá um chute em seu queixo, deitando-o de volta no chão.

E apagando-o.

Quando Fidel acorda, vê Jimmy e Wilmer no sofá, bebendo cerveja. Angelo está parado entre Fidel e o cômodo ao lado, e Harold bloqueia a porta da frente.

Uma pistola — uma calibre .25 velha de merda — está sobre a mesa de centro.

— Hora de acordar — fala Jimmy. — Você tem metanfetamina aqui suficiente para garantir de quinze a trinta anos de prisão. Mas você também está a duas quadras de uma escola, Fidel, e isso te dá direito a PPSC. Prisão Perpétua Sem Condicional.

— Vocês armaram essa merda pra mim!

— Sim, eu diria isso — afirma Jimmy. — Vamos ver o que o juiz tem a dizer. Ou nós podemos seguir nossa vida e fingir que esse encontro desagradável nunca aconteceu.

— O que você quer? — pergunta Fidel.

— José Quintero.

— Cumpro os anos na prisão.

— Tá vendo? Foi o que achei — diz Jimmy. — Você deve estar com mais medo do que Oscar pode fazer com você, com sua família e tal. A arma em cima da mesa já tem suas impressões

digitais. Vou colocar uma bala na sua cabeça e essa arma na sua mão gelada e morta.

— Você tá blefando.

— Sou o irmão de Danny McNabb.

Fidel arregala os olhos.

— Sim, sei que você reconhece o nome — afirma Jimmy. — Ainda acha que não farei isso?

— Eu juro — implora Fidel. — Nunca encostei no seu irmão. Eu só segurei a câmera.

— Foi isso o que você fez? — questiona Jimmy. — Seu imbecil do caralho, nem sabia que estava lá.

— Eu juro!

— Se você só fez isso, me diga onde podemos encontrar Quintero.

Fidel confessa.

Jimmy pega a arma calibre .25 em cima da mesa e atira na cabeça de Fidel.

— Mais uma negociação de drogas que terminou mal — conclui Jimmy.

Eles vão embora da casa.

Um a menos.

Jolene mora na Constance Street, no Canal, a uma distância tranquila para ir a pé até o hospital onde trabalha. Ela chega à porta de roupão, secando o cabelo com uma toalha.

Jolene é morena clássica — cabelo preto brilhante e comprido, olhos que Jimmy jura serem violeta.

Linda como Jimmy se lembra.

— Acabei de sair do banho — diz ela. — Entre.

Jimmy entra na casa.

O primeiro cômodo é uma cozinha pequena.

— Eva me pediu para passar aqui para ver como você está — fala Jimmy.

Ela ri.

— Como você acha que eu estou? Uma bagunça. Estou destrocada. Quer algo para beber?

— São dez horas da manhã.

— Sim, eu tenho relógio, Jimmy — ironiza. Abre um armário na cozinha embaixo da pia e pega uma garrafa de Jim Bean. — Saí do trabalho há duas horas. Foi uma noite cheia na emergência. Alguns esfaqueados, um baleado, uma criança de dois anos de idade que apanhou do namorado da mãe. Quer uma bebida ou não?

— Vou aceitar uma dose.

Jolene serve dois dedos de whisky num copo baixo e outra dose para ela num vidro de geleia. Ela entrega o primeiro para ele e se senta na mesa da cozinha.

Jimmy se senta à frente dela.

— Você acha que Danny soube algum dia de nós? — pergunta ela.

— Nós terminamos muito antes de vocês dois começarem a namorar.

— Éramos namoradinhos na escola.

— Era isso o que éramos? — questiona Jimmy.

— Não, estávamos mais pra um sexo casual — confessa Jolene. — E não terminamos no ensino médio, Jimmy.

— Não acho que Danny soubesse — afirma Jimmy. — Ele jamais iria...

Ele deixa pra lá.

— Comer no prato que seu irmão mais velho comeu? — pergunta ela.

— Meus deus, Jo.

Ela bebe e fala:

— Ele queria ser exatamente como você. Fico feliz que ele não tenha sido... exatamente como você. Você teria ido ao nosso casamento, Jimmy?

— Eu teria sido padrinho.

— Ficaria do lado do seu irmão e assistiria ao meu pai me levar pelo altar? — continua ela. — Me entregar para o seu irmão?

— Sim. — Não seria a primeira vez. Ele se lembra de quando Danny e Jolene se conheceram, na festa de aniversário do seu irmão, no Sweeny's. Uma daquelas histórias de amor à primeira vista. Jimmy viu nos olhos dele e nos dela. Ele olhou para ela e não deu atenção. — Você e eu nunca fomos nada sério mesmo.

— Éramos dois caipiras — lembrou ela. — Os brancos pobres de Nova Orleans. Danny era mais do que isso. Ele era melhor que nós.

— Ele era.

Ela vira sua dose inteira. Levanta-se da cadeira.

— Me come, Jimmy.

— O quê?

Ela se senta nele com as pernas abertas e desamarra seu roupão, que se abre instantaneamente.

— Só me come. Quero que me coma com raiva.

— Pare com isso.

Ela abaixa a mão e abre o zíper da calça dele.

— Qual é o problema? Você não consegue? Sente culpa?

— Vai se foder.

— *Aí está* o meu Jimmy.

Ele, então, coloca o pênis dentro dela.

Não de forma gentil.

Ele a levanta, ainda dentro dela, a empurra contra a parede e faz sexo com ela. A mesa treme. O vidro de geleia cai no chão e quebra.

Ela aperta as costas dele, crava as unhas, e chora enquanto goza.

Ele a segura contra a parede enquanto ela soluça em seu pescoço.

Quando finalmente a coloca no chão, ele diz:

— Cuidado. Você tá descalça. Não se corte no vidro quebrado.

Jimmy chega e Landreau o chama no escritório.

— Sente-se — fala Landreau.

— Vou ficar de pé, obrigado.

— Como quiser — retruca Landreau. — A Divisão de Homicídios encontrou um traficante de metanfetamina hondurenho assassinado em Slidell. Parece suicídio, mas talvez tenha sido plantado.

— Ah.

— Você não sabe algo sobre isso, né? — pergunta Landreau.

— Um cara chamado Fidel Mantilla?

— Lixo matando lixo — conclui Jimmy. — Ainda melhor quando o próprio lixo se elimina. De qualquer forma, NHE.

Nenhum Humano Envolvido.

Landreau olha para o seu computador por alguns segundos e depois pergunta:

— Como você está, Jimmy?

— Bem.

— Digo com relação à morte do seu irmão.

— Você quer dizer quanto ao assassinato do meu irmão? — indaga Jimmy.

— É.

— Tudo bem. — Ele olha para Landreau, que olha de volta para ele.

O chefe sabe que Jimmy matou Mantilla.

Ele também sabe que não pode provar.

— Se ouvir algo sobre esse caso — pede o superior —, avise à Divisão de Homicídios.

— Farei isso — responde Jimmy.

Naquela mesma noite, o telefone de Jimmy toca.

Era Angelo.

Eles estavam com Quintero.

Jimmy disse que chegaria logo.

Ele os encontra num centro de reciclagem em Barrio Lempira, no fim das ruas Willow e Erato, que pertencia a um

associado de Charlie Corello.

Angelo abre a mala do carro.

Quintero está lá dentro, algemado nos punhos e tornozelos, com um pano amarrado na boca. É um cara magricelo, jovem, de cabelo preto comprido.

— Mate-o — ordena Jimmy.

Harold e Wilmer pegam Quintero, puxando-o para fora da mala, e o colocam na frente de Jimmy.

— Sou o irmão de Danny McNabb — afirma Jimmy. — Só pra você saber que eu não estou de sacanagem com você.

Os olhos de Quintero transmitem o medo que deveriam.

Eles o arrastam para o fundo do quintal. Uma compactadora de lixo industrial — uma máquina horrorosa grande e verde — fica no fundo da cerca. Jimmy pega uma caixa de latas e as joga dentro da compactadora.

— Veja isso, José.

Jimmy liga o botão.

A compactadora range e esmaga as latas, deixando-as finas. Um som metálico terrível de moedor que dura dez segundos.

— Jogue-o lá dentro — manda Jimmy.

Harold e Wilmer levantam Quintero, que luta, se debate e geme, e o jogam dentro da compactadora.

— Sei que você estava lá quando eles torturaram Danny — afirma Jimmy. — Sei que havia mais um homem além de Díaz. Sei que você não deu a ordem, portanto vou te dar uma chance. Quero o nome e a localização.

Ele retira a mordaça da boca de Quintero.

— Não sei onde Díaz está — responde Quintero. Ele começa a chorar.

— Me diga o outro nome. Última chance.

— Rico — responde José. — Rico Pineda.

— Onde encontro esse cara?

— Não sei.

— Tchau — despede-se Jimmy.

— Ele tem uma namorada negra! — acrescenta Quintero. — Keisha. Ela dança no Golden Door. No Distrito 9.

— Conhece esse lugar? — Jimmy pergunta para Angelo.

— Sim.

Jimmy sacode a cabeça.

— Sabe o que eu acho? Que você está mentindo. Acho que você nem estava lá. Acho que está inventando essa merda pra se safar. *Adiós*, José.

— Não! — implora Quintero. — Eu estava lá! Eu juro!

— Prove.

Quintero está com a respiração pesada, com hiperventilação.

— Seu irmão, ele tinha uma medalha numa corrente no pescoço, não tinha? Uma medalha de santo.

— Qual santo? — pergunta Jimmy.

— São Judas Tadeu!

— Acho que você está dizendo a verdade, então. Acho que você *estava* lá mesmo.

Ele liga o botão.

Quintero grita.

Jimmy entra de volta no carro.

Dois a menos, ele pensa.

Angelo se senta no bar e assiste a Keisha contorcer-se no palco.

Ela é bonita.

E jovem, tem só dezenove anos.

Mais jovem que Rico.

Eles fizeram a busca do nome dele no sistema — tem 38 anos e um certo histórico. Veio para cá depois do Katrina para fazer drywall, achou mais lucrativo vender drogas e fazer extorsão. Ficou cinco anos na prisão e saiu há apenas um, e aparentemente achou uma oportunidade com Díaz.

Jimmy queria ir logo pra cima dele, mas Angelo o persuadiu a fazer diferente.

— Você é branco — disse Angelo.

— *Sou?*

— Sim — respondeu Angelo. — Um policial branco num bar vagabundo no Distrito 9? Eles vão perceber no primeiro instante. Deixa que eu faço a abordagem.

Ele sorri para Keisha, que rebola em cima dele e se agacha. Ele prende uma nota de cinco dólares na calcinha dela e ela vai embora dançando. Mas ele mantém os olhos nela, ignora as outras garotas, e quando a música acaba, ela desce do palco e senta-se ao lado dele.

— Você quer ir para o quarto VIP, querido? — pergunta ela.

— Quanto vai me custar?

— Cinquenta pilas e uma gorjeta se eu for muito legal com você.

— O quão legal você pode ser? — pergunta Angelo.

— *Muito* legal, e podemos entrar numa cabine — responde Keisha.

— Vamos. — Ele puxa três notas de vinte dólares do bolso. — Pagamento adiantado.

Ela sobe com ele para o quarto VIP, coloca-o sentado e começa a se esfregar nele.

— Você é *grande* — afirma ela.

— E ficando ainda maior, meu amor — completa Angelo. — Você disse algo sobre uma cabine.

— Mais cem.

Ele entrega o dinheiro para ela. Ela se levanta, anda até a cabine fechada com uma cortina e gesticula com o dedo para ele segui-la. Angelo a segue para dentro do quartinho e senta-se no banco. Ela se ajoelha à frente dele.

Ele inclina o corpo, segura o queixo dela para cima e mostra seu distintivo.

— Merda — xinga ela. — Por favor, não posso ser presa de novo.

— Não é nada disso, Keisha.

— Como você sabe meu nome?

— Sei tudo sobre você — diz Angelo. — Sei que você já foi presa duas vezes, sei que mora na Eganía Street, sei que tem um homem escondido na sua casa. Rico Pineda.

Ela começa a se afastar, mas Angelo segura seu braço.

— Nós vamos pegá-lo. Sem você, vamos fazer isso de maneira bruta e ele morre. Com você, faremos de maneira suave e ele vive.

— Não posso fazer isso. Eu amo ele.

— Mais do que ama sua filha? — indaga Angelo. — Você tem uma menina de três anos morando com um conhecido criminoso. Drogas dentro de casa. Se eu aparecer com a Assistência Social, eles irão tirar a guarda de DeAnne de você e ela irá para o sistema.

— Seu filho da puta.

— É melhor guardar isso para si também, garota — sugere Angelo. — Você me ajuda e eu te dou passagens de ônibus para DeAnne e você irem até Baton Rouge, para morarem com sua mãe por um tempo. Mas você vai decidir isso agora, porque de uma forma ou de outra, nós vamos pegar Rico.

Ele solta o braço dela.

Jimmy se vira para olhar para Keisha no banco de trás. Três da manhã, eles estacionam a uma quadra do galpão que ela aluga.

— Diga de novo o que você vai fazer — diz ele.

— Vou entrar em casa — explica Keisha. — Ele provavelmente está deitado na cama do quarto dos fundos. Se não estiver, vou levá-lo para lá.

— E...

— Deixo a porta destrancada.

— Onde DeAnne dorme? — pergunta Angelo.

— No sofá da sala, na entrada da casa.

— Tentaremos não assustá-la — promete Angelo.

— Você terá cinco minutos — afirma Jimmy. — E então, nós entraremos.

— Keisha — adverte Angelo —, se você avisá-lo e ele fugir, alguém estará nos fundos da casa e irá atirar nele. E você pode se

despedir da sua filha, pois nunca mais a verá de novo.

— Eu sei.

— Onde ele guarda a arma? — questiona Angelo.

— Debaixo do travesseiro.

— Se ele tentar pegá-la, ele morre — afirma Jimmy.

— Eu vou impedi-lo — diz ela. — Mas...

— O quê? — pergunta Jimmy.

— Vocês não vão machucá-lo, certo? — pergunta Keisha.

— Não — responde Angelo. — Só queremos conversar com ele.

Ela sai do carro.

— Você confia nela? — pergunta Jimmy.

— Filho da puta, não confio nem em  *você*  — responde Angelo.

— Lembre-se — avisa Jimmy —, preciso dele vivo.

Eles esperam os cinco minutos e saem do carro.

A porta está destrancada.

Jimmy entra na casa, vê a garotinha dormindo no sofá, abraçada a um elefante rosa de pelúcia.

Com a arma preparada, Jimmy segue na direção do quarto dos fundos.

Angelo segue pela parede oposta.

Wilmer bloqueia a porta da frente, Harold está do lado de fora, nos fundos.

A porta do quarto está entreaberta.

Jimmy a empurra silenciosamente.

Rico está pelado na cama, um homem grande e musculoso, com tatuagens no braço e no peito. Ele dorme como um presidiário, e acorda ao primeiro sinal de barulho para tenta pegar sua arma.

Keisha segura a arma dele com firmeza.

— Vagabunda escrota. *Putá*.

— Vire-se — fala Jimmy. — Mãos para trás.

Rico faz o que ele manda, mas ainda está com o olhar focado em Keisha. Enquanto Jimmy o algema, ele diz:

— Vou te matar. E vou matar aquela pirralha de merda também.

— Cale a boca — fala Angelo.

Ele vai até a calça de Rico, pega seu telefone e toma a arma da mão de Keisha.

Jimmy e Angelo arrastam Rico pelos braços.

— Posso, pelo menos, vestir uma roupa? — pergunta Rico.

— Não vai precisar de roupa — responde Jimmy.

Eles o carregam pela porta da frente.

DeAnne está sentada, agarrada ao elefante, lágrimas escorrendo pelas bochechas. Ela está apavorada.

— Está tudo bem, meu amor — fala Angelo. — É só um pesadelo. Pode dormir de novo.

Jimmy e Wilmer levam Rico para o carro. Angelo fica para trás e entrega duas notas de cem dólares para Keisha.

— Tem um ônibus que sai em uma hora — avisa. — Você e menina devem estar nele.

Não deixe que o amanhecer te encontre em Nova Orleans.

— Para onde vocês estão me levando? — pergunta Rico, enquanto eles o jogam no banco de trás.

— Para onde você levou meu irmão — responde Jimmy.

O galpão antigo fica ao lado do rio, em Arabi, quase em Chalmette.

Estava vazio desde a tempestade.

As mãos de Rico estão algemadas para trás, ao redor de uma coluna de metal. Ele olha para Jimmy e diz:

— Então, o que vamos fazer?

— Reconheço sua voz do vídeo — afirma Jimmy. — Você estava falando sobre meu irmão. “Olha pra ele pulando!” Você achou engraçado.

— E foi mesmo — retruca Rico. — Eu me acabei de rir. Sei que vocês vão me matar. Então, mata logo. O que estão esperando?

Jimmy coloca um soco-inglês de cobre na sua mão direita e diz:

— Se alguém quiser sair agora, tudo bem, sem ressentimentos.

Ninguém se mexe.

Harold senta-se numa pilha de caixas de papelão.

Wilmer encosta-se em outra pilha.

Angelo acende um cigarro.

Jimmy encaixa outro soco inglês na mão esquerda, respira fundo e desce o cacete em Rico.

Como se espancasse um saco de boxe, só que, nesse caso, um humano.

Jimmy acerta socos ferozes nas costelas de Rico, de quebrar os ossos, dá um passo para trás e soca bem na altura do fígado dele.

Rico urra de dor.

Jimmy prepara o ombro esquerdo e dá um soco na bochecha de Rico. E depois um gancho com a direita em seu queixo. Recua e finaliza com um soco no nariz.

Sangue respinga na cara de Jimmy.

Ele não percebe.

Suor escorre pelos poros dele, respiração pesada, ele se mexe novamente e soca as costelas de Rico, vira-o para o outro lado e soca seus rins, vira-o novamente e dá um golpe violento nas bolas dele.

O queixo de Rico cai em cima do peito.

Sangue escorre por suas tatuagens.

— Já foi suficiente — diz Angelo.

— Não foi, não — retruca Jimmy, o peito arfando. — Não chegou nem perto de ser suficiente.

— Precisamos que ele fale — afirma Angelo. Ele se coloca entre Jimmy e Rico. — Onde encontramos Oscar?

— Não vão encontrá-lo — responde Rico.

Wilmer desce da pilha de caixas.

— Deixem eu tentar.

Ele chega perto do ouvido de Rico e diz, em voz baixa, em espanhol:

— Esse homem que tá te batendo é El Cajedo.

É parte de um antigo folclore hondurenho sobre um cão preto, criado pelo Diabo, e um cão branco, criado por Deus.

— O cão preto e o cão branco estão sempre brigando dentro dele — conta Wilmer. — Agora, o cão preto tá ganhando, o que é bem ruim pra você. Você quer que o cão branco vença, então diga o que precisamos saber.

— Eles brigam dentro de mim também.

— Eu sei — concorda Wilmer. — Você fez uma coisa terrível e vai morrer por isso. Você vai morrer e vai para o inferno. Mas talvez, se deixar o cão branco vencer, Deus vai te perdoar.

— Não existe Deus nenhum.

— É melhor existir, *'mano* — Wilmer conclui. — A única outra opção é o cão preto.

A cabeça de Rico cai novamente. Ele resmunga de dor. Olha para cima de novo e fala:

— Vão se foder.

— Saiam todos agora — Jimmy exige.

A equipe deixa o local.

Jimmy caminha pelo galpão e encontra um cano de ferro de uns noventa centímetros no chão. Ele pega o cano, ajeita-o na mão e caminha de volta até Rico.

— Você quebrou todos os ossos do meu irmão antes de queimá-lo até a morte — lembra Jimmy. — Tenho más notícias, Rico. O cão preto ganhou.

Ele espanca Rico até não conseguir mais erguer o cano.

Menos três.

Falta só mais um.

— Ele confessou? — pergunta Angelo.

— Não.

No carro, Angelo indaga:

— Você já pensou que poderíamos estar fazendo a coisa errada aqui?

— Não. — Alguns minutos depois, ele acrescenta: — Eles têm o que merecem.

— Não é com eles que estou preocupado — afirma Angelo. — É com você.

— Que amor!

— Com o que você está se tornando. — Ele espera bastante tempo antes de perguntar: — Você acha que é isso o que Danny realmente iria querer?

— Sei lá — responde Jimmy. — Não posso perguntar pra ele, posso?

Eles dirigem por mais alguns quarteirões antes de Jimmy falar:

— Sei que tem algo despedaçado dentro de mim. Sei disso. Se quiser pular fora deste trem, Angelo, vai em frente. Vamos continuar sendo amigos.

— Você não é meu amigo, é meu parceiro — afirma Angelo. — Estou com você até o fim.

Talvez este *seja* o fim, Jimmy pensa. Rico não desistiu, e agora não temos como encontrar Oscar Díaz.

Eu fiz merda, perdi a cabeça e agora não posso vingar a morte do meu irmão.

Acabou.

Dois policiais da Divisão de Homicídios, Garofalo e Perez, olham para o corpo algemado à coluna. O homem — ou o que um dia foi um homem — foi espancado até a morte.

Para dizer o mínimo.

Os ossos dos braços e das pernas tinham fraturas expostas. Seu rosto tinha se transformado em algo que lembrava uma argamassa.

— Essa não foi uma execução comum por drogas — diz Garofalo. — Isso foi algo pessoal.

Os dois pensam a mesma coisa.

Jimmy McNabb.

Jimmy bebe muito.

Para tentar acalmar uma dor que simplesmente não se acalma. Lembranças de Danny que vêm à tona, como todos os pedaços de destroços que correm pelas ruas após uma tempestade.

O irmão e ele caminhando pela Third Street, Danny cantando junto ao coro que vinha da igreja Graça e Glória.

O irmão e ele deitados na cama à noite, ouvindo o pai batendo contra os móveis quando chegava do trabalho, e Danny olhando para ele, assustado, e Jimmy dizendo: “Está tudo bem. Eu estou aqui.”

Vou proteger você.

Ou o irmão e ele discutindo sobre sanduíches, qual era melhor, de rosbife ou de ostra, e Danny dizendo: “Ostra parece catarro, e deve ter gosto de catarro também.”

“Você *deveria* saber o gosto de catarro, seu pirralho comedor de meleca.”

“Pelo menos, como minha *própria* meleca.”

E os dois rindo e rindo até sair refrigerante pelo nariz.

Sentado na cadeira do seu apartamento em Channel, Jimmy olha para as mãos. Estão cortadas e inchadas, e os ossos roxos.

A dor é boa.

Ele gostaria que fosse pior.

Queria que doesse mais.

O que se diz no vestiário da delegacia é que McNabb está seguindo todas as etapas de sua vingança pessoal.

— Porra nenhuma — diz um policial.

— Ah, é? — retruca outro. — Basta olhar. Havia quatro homens no vídeo. Um deles era Díaz. Talvez os outros dois fossem Mantilla e Pineda.

— O 911 recebeu uma chamada outro dia. — Mais um entra na conversa. — Alguém ouviu gritos vindo de uma fábrica de reciclagem em Willow.

— Bairro hondurenho.

Eles continuam conversando até que Angelo entra.

— Tem algo que vocês queiram falar comigo? — pergunta ele.

Silêncio.

— Alguém quer falar alguma coisa?

Ninguém abre a boca.

— Que bom! Vamos continuar assim.

Ele pega seu equipamento e sai.

A batida na porta acorda Jimmy.

Ele ainda está sentado na cadeira.

Pega sua arma, a esconde nas costas, vai até a porta e abre.

— Señor McNabb.

O homem parece ter uns quarenta anos, hispânico, muito musculoso. Bem vestido, de terno de linho cáqui e camisa azul aberta no pescoço.

— O que você quer? — pergunta Jimmy.

— Algo que seria melhor falarmos em particular — diz o homem. — Posso entrar?

Jimmy o conduz para dentro e certifica-se de que ele veja sua arma.

— Garanto que isso não será necessário — afirma o homem.

— Quem é você?

— Você não precisa saber meu nome.

— Como você sabe do que preciso? — questiona Jimmy.

— Sei que você precisa da localização de Oscar Díaz. Vim lá de Culiacán, em Sinaloa, para dar o que você precisa.

— Por que o cartel faria isso?

— Díaz passou dos limites — explica o visitante —, assassinando um policial americano nos Estados Unidos. E de uma maneira tão sádica. Queremos fazer negócios aqui, e queremos fazer com a relação normal e contraditória de sempre com a polícia, não necessariamente tão exacerbada e emocionalmente carregada.

— Se quisessem tanto Díaz fora do mercado, vocês mesmos fariam isso — diz Jimmy.

— Faremos, se você preferir. Mas achamos que você gostaria de fazer pessoalmente. Nós entendemos o peso do *sangre*, da

família. E estamos confiantes em suas habilidades. Díaz é o último da lista, certo? Mantilla, Quintero, Pineda...

— O que vocês querem em troca?

— Como eu disse, uma boa relação.

— Negócios normais.

— Negócios normais.

— Onde ele está?

O homem entrega um pedaço de papel a Jimmy com o endereço de um lugar luxuoso em Algiers Point.

— Díaz está na cobertura com um exército — acrescenta o visitante. — Ele está apavorado e desesperado.

— Se pegar você com drogas — avisa Jimmy —, vou prendê-lo mesmo assim.

— Eu não esperaria nada diferente disso. Mas eu estou no gerenciamento, nunca encosto no produto. Boa caçada, señor McNabb. Espero que obtenha sucesso. Díaz é um merda.

Ele sai e fecha a porta.

\* \* \*

Landreau olha para Hendricks, chefe da Divisão de Homicídios, do outro lado da mesa.

— Temos um problema — começa Hendricks.

— Não temos sempre?

— Um dos seus homens é suspeito em três assassinatos.

— McNabb.

— Ninguém quer tanto ver os assassinos de Roxanne Pulaski e Daniel McNabb levados à justiça quanto eu — continua

Hendricks —, mas um agente da divisão de narcóticos não pode simplesmente sair por aí executando pessoas.

— Você tem provas?

— Se tivesse, McNabb seria preso. Junto com o resto de sua equipe.

— Se conseguir provar, prenda-o — conclui Landreau. — Até lá...

Hendricks se levanta.

— Nós somos amigos de longa data, Adam. Sempre trabalhamos bem juntos. Só queria te avisar. O chefe vai se aposentar no ano que vem. Dizem por aí que seu nome está na lista para o cargo, e eu detestaria que algo assim...

— Agradeço sua preocupação, Chris.

Hendricks sai.

Landreau liga para alguém da sua equipe e o manda encontrar e acompanhar McNabb por todo o tempo.

O prédio tem dez andares e uma bela vista de Algiers Point para o rio.

Angelo abre a planta que pegou na Comissão de Planejamento da Prefeitura, e a equipe se senta no colchão para analisá-la.

Uma entrada no térreo, sem porteiro, mas com câmera de segurança.

— Ele terá monitores em seu apartamento — afirma Jimmy —, então vai nos ver entrar.

Há dois elevadores, mas só o da direita vai até a cobertura, e precisa de uma chave de segurança para utilizá-lo.

— Como resolvemos isso? — pergunta Jimmy para Harold.

— Com uma furadeira.

O elevador abre direto dentro da cobertura.

— É bom quando você está com compras — acrescenta Angelo.

O outro elevador só vai até o nono andar.

— Há escadas internas — continua Jimmy —, que funcionam com códigos de segurança.

— Aqui estão — aponta Wilmer.

As plantas mostram duas escadas que vão da cobertura até o porão, uma na ala oeste do prédio, outra na leste. Escadas de incêndio externas paralelas às internas, então eles têm que escolher se vão subir por dentro ou por fora.

— Por fora será mais fácil — afirma Angelo. — Subimos até a cobertura. Lá tem um terraço.

As plantas mostram um terraço em volta de três lados da cobertura, proporcionando uma vista panorâmica de Algiers, do rio e da cidade abaixo deles.

— Você já teve um terraço no Distrito 9? — pergunta Jimmy para Angelo.

— Nós chamamos de “varanda” — responde Angelo. — Depois do Katrina, tinha vista do rio também. De dentro do rio.

— Díaz vai olhar pelo terraço — conclui Wilmer. — Ele vai nos ver se subirmos pela escada de incêndio.

Todo mundo vai nos ver nessa porra, Jimmy pensa. Helicópteros com câmeras vão nos ver antes de chegarmos ao sexto andar, ou algum cidadão com um celular na mão. Ele não

quer ver esses vídeos no tribunal — se sobreviverem à operação, provavelmente, serão indiciados por assassinato.

— Vamos subir pela escada de dentro — diz ele.

Isso também tem alguns problemas. O prédio tem uma taxa de ocupação de noventa por cento, portanto haverá pessoas na recepção, no elevador e nos corredores. Elas não serão só testemunhas, como também podem ser colocadas em perigo, e Jimmy não quer dano colateral algum.

O correto a fazer seria entrar com as equipes da SWAT, do DEA, os policiais federais e civis, isolar a área, retirar os moradores, enviar helicópteros para que policiais pudessem entrar pelo terraço e para proteger a área.

É isso o que deveríamos fazer, Jimmy pensa.

Landreau daria a autorização para entrarem, e as outras corporações teriam que se virar para se envolver na operação. Seria uma imagem sensacional para o jornal das dez, o que deixaria o delegado e o prefeito felizes.

O problema disso é que Landreau insistiria para pedirmos um mandado para um juiz, o que levantaria algumas perguntas suspeitas sobre como eles sabem onde Díaz está escondido e como eles têm a causa provável de que ele ordenou o assassinato dos policiais.

*Vossa Excelência, eu fiz contatos com alguns traficantes, depois joguei um cara dentro de uma compactadora de lixo...*

E mesmo se eles conseguissem que a invasão fosse autorizada pelo juiz, o objetivo seria *prender* Díaz, sair com ele na frente das câmeras com as mãos para cima — outra vitória para as autoridades da lei e da ordem. Mas Jimmy não quer que Díaz

saia daquele prédio de outra maneira que não morto, e ele quer ser a pessoa a fazer isso. Landreau provavelmente deixaria que ele fosse o primeiro a entrar no prédio, mas Jimmy não quer correr o risco de um atirador de elite da SWAT eliminar Díaz de forma limpa e rápida com um tiro na cabeça.

Não será limpo, não será rápido, e não será executado por outra pessoa senão Jimmy McNabb.

A pergunta é como fazer isso acontecer.

— Há um elevador de serviço — revela Angelo. — Pessoas ricas precisam de empregados e não querem que os pobres sujem os elevadores sociais. Digamos que Díaz precise... sei lá, da entrega de um sofá de cinquenta mil dólares assinado por um designer famoso...

Eles encontram a escada na planta, subindo pelo lado norte até o terraço, com uma entrada externa para a cobertura.

— Teremos o mesmo problema da chave de segurança — afirma Wilmer.

— Não tem problema algum — fala Harold. — Mas ela nos deixa do lado de fora da cobertura. A porta dá na cozinha. Com certeza estará trancada.

— Tranca de plástico? — pergunta Jimmy.

— Arromba com um tiro — responde Harold.

— Nós vamos entrar como se fôssemos uma equipe do sistema de climatização do prédio — explica Jimmy. Eles têm os uniformes dos funcionários de vigilância, e ninguém em Nova Orleans jamais mandará embora os caras responsáveis pela manutenção do ar-condicionado. — Os macacões vão disfarçar as armas, e nós usaremos coletes à prova de balas por baixo.

Eles decidem que Jimmy e Harold entrarão pelo elevador de serviço, Harold vai arrombar a porta, Jimmy vai entrar primeiro. Wilmer vai subir pela escada interna, caso Díaz tente fugir por lá, e Angelo vai cobrir a escada de incêndio.

— Você será visto — afirma Jimmy.

— Um cara sozinho num prédio enorme? — questiona Angelo. — Talvez não.

— Os homens de Díaz estarão espalhados pelo prédio todo — avisa Wilmer. — Será um bang-bang. Se o tiroteio começar abaixo dele, ele vai estar pronto.

— Se nenhum de vocês quiser ir, tudo bem por mim — fala Jimmy. — Quando entrarmos no prédio, não temos garantia alguma de que sairemos vivos. E mesmo que a gente consiga, nossas carreiras vão estar fodidas.

Todos sabem disso.

Sabem que nunca tem garantia.

Sabem que vão perder o emprego, o distintivo, e talvez vão para a prisão.

Que isso pode terminar na Penitenciária Estadual de Louisiana, Angola, ou dentro de uma caixa.

— Angelo?

— Você sabe minha resposta, Jimmy.

— Wilmer?

— É uma questão de honra.

— Harold?

De todos, Harold é o mais certinho, o mais provável de não querer. Ele se levanta, empurra um painel solto no teto, estica o braço e pega um arsenal: uma Heckler & Koch MP5, uma

pistola automática Steyr, uma Glock 9mm, uma espingarda Beneli M-4 Super 90 semiautomática, um lança-granadas GS-777 e uma mina antipessoal M16.

Todas elas são armas que eles tomaram de traficantes durante anos e não entregaram à polícia. Em vez disso, eles as esconderam no apartamento, para o dia em que precisassem fazer uma operação sangrenta com armas não rastreáveis. Para o dia em que precisassem de armas poderosas que o departamento de polícia não disponibilizasse.

Díaz tem um exército?, Jimmy pensa ao olhar o relógio.

Tudo bem.

Nós *somos* um exército.

Eles se vestem com os uniformes dos técnicos, guardam as armas em sacos de lona e vão para o carro.

Landreau atende a ligação.

— Eles estão saindo do French Quarter.

— Me mantenha informado.

Uma daquelas noites, cara.

Uma daquelas noites de Nova Orleans abafadas, quentes como uma panela de pressão com a tampa fechada.

Podia explodir a qualquer segundo.

Como um agudo de trompete.

Um olhar torto ou uma palavra errada.

Uma faca é estendida, uma arma é engatilhada.

O tipo de noite em que é melhor olhar pra baixo, manter os olhos abertos e a boca fechada.

A noite pode engolir você.

A equipe de Jimmy pega a St. Philip's em direção à Decatur.  
Da Decatur até o Canal.  
Do Canal até Tchoupitoulas.  
Entram na ponte e cruzam o rio.

— Eles estão a caminho de Algiers.

Estacionam na Patterson, a uma quadra do condomínio de luxo,  
e esperam Harold voltar.

Ele demora vinte minutos, depois entra de volta no carro e  
conta que não teve problema algum em descer até o porão e  
desligar o ar-condicionado.

— Alguém te viu? — pergunta Jimmy.

— As câmeras.

\* \* \*

— Gustafson entrou num prédio e saiu.

— Só entrou e saiu? — pergunta Landreau.

— Ficou lá dentro por uns quinze minutos.

Mas que merda!, pensa Landreau.

— Continue na cola deles.

Eles jogam a bola de beisebol um para o outro.

Seja tradição, seja superstição, é o que eles fazem.

Jogam a bola de um lado pro outro, como estrelas do  
beisebol em campo.

— Eles estão jogando bola.

— O quê? — questiona Landreau.

— Estão jogando beisebol.

Landreau sabe que isso significa que vão entrar no prédio.

Jimmy deixa a porra da bola cair no chão.

Tudo para. Eles ficam paralisados.

Jimmy pega a bola, guarda dentro da luva e a enfia embaixo do braço.

— Foda-se. *Laissez les bon temps rouler.*

Eles caminham em direção ao prédio luxuoso.

Oscar Díaz está suando como um filho da puta.

— O que aconteceu com o *pinche* do ar-condicionado? — grita ele.

— Já liguei lá pra baixo — responde Jorge.

Jorge é o substituto de Rico. Não é tão corajoso, mas é muito mais tecnológico, o que Oscar considera um dom.

— Ligue de novo! — berra Oscar. Não está simplesmente desconfortável. O ar quente na sala poderia estressar os peixes. Eles são muito sensíveis a qualquer mudança no ambiente.

— Não, eles já chegaram — diz Jorge, olhando nos monitores. — Três zé manés de macacão.

\* \* \*

— McNabb, Suazo e Gustafson entraram. Carter está do lado de fora. Eles estão vestidos como técnicos de ar-condicionado.

Landreau respira fundo.

— Chefe, você quer que a gente vá atrás deles?

Landreau não responde de imediato. Jimmy McNabb está prestes a cometer suicídio real ou profissional, ele pensa, e me

levar junto com ele. Se eu deixar esse cara fazer o que acho que ele vai fazer, terei sorte se conseguir virar um policial de merda num fim de mundo do Alabama.

— Não se mexa.

Ele liga para o comandante da divisão no Distrito 4, em Algiers.

— Quero um cordão de isolamento ao redor daquele prédio — fala Landreau. — Nada entra, nada sai. E nada de sirenes.

— O que...

— McNabb está atrás do assassino do irmão.

Eva observa as luzes piscantes se moverem na direção de Algiers Point.

Parece que são todos os carros de polícia do Distrito 4.

Ela abre o canal para ouvir as chamadas de rádio. *Cordão de isolamento ao redor daquele prédio. Nada entra, nada sai... O cara que matou Danny... Roxanne...*

Um aperto no peito, ela não consegue respirar.

*Jimmy McNabb...*

Hendricks adentra a sala de Landreau transtornado.

— Que merda você acha que está fazendo?

— Fique fora disso.

— Você está se tornando cúmplice de homicídio!

— Me prenda.

— Estou enviando minha equipe.

— Os caras do 4 não vão deixar ela entrar — retruca Landreau.

— Você ficou maluco — afirma Hendricks. — Vou levar essa situação para o chefe.

Ele nem precisa.

O chefe aparece na porta.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui?

Hendricks conta.

O chefe ouve, assente e fala:

— O homem dentro daquele prédio matou uma das minhas oficiais femininas e torturou um dos nossos policiais até a morte. Então, é isso o que faremos: o cordão de isolamento permanece ao redor do prédio. Nossos rádios vão ficar fora do ar. E você vai pra casa, beber uma cerveja e assistir a um jogo.

— Você vai simplesmente lavar as mãos nessa situação?

— Não me faça lavar as suas — avisa o chefe. — Porque, se eu fizer isso, vou usar um sabão bem forte. Espero que a gente tenha um acordo aqui.

O chefe sai da sala.

O capanga no terraço não acredita no que está vendo.

Parece que todas as viaturas de polícia da cidade estão indo em direção ao prédio. Depois, a fila de carros se divide como água batendo na pedra e vai para os lados.

Estamos cercados, ele pensa.

Ele pega o telefone e liga lá pra baixo.

— Não podemos sair porra nenhuma! — grita Oscar.

Jorge se irrita. Ele berra:

— Qual palavra você não entendeu? Nós estamos cercados e fodidos! Todos os policiais da cidade vão estar aqui em uns *cinco*

*minutos, porra!!!*

O robalo-de-barbatana, profundamente sensível ao som, começa a rodar pelo aquário. O peixe-anjo-rainha azul esconde-se dentro da sua pequena caverna.

— Eu não vou pra cadeia — diz Oscar. Ele já tinha sido preso em Honduras. Não foi uma experiência boa. — Avise todos os homens. Nós vamos lutar. Já viu *Scarface*?

Sim, já vi essa merda desse filme, Jorge pensa.

— É um filme de merda, Oscar!

— Faça a ligação! DefCon 4!

Jorge faz a ligação. Ou as ligações, no plural — eles têm homens no quarto e no sexto andar, e uma porra de um pelotão no nono.

Oscar rasga a almofada cinza do sofá Henredon e puxa lá de dentro um AK-47. Ele não vai desistir assim tão fácil.

E então, a vigilância liga do terraço.

— O que foi? — grita Jorge.

— Eles não vão entrar.

— Que porra você está dizendo?

— Eles não vão entrar — repete o vigilante. — Só estão de pé do lado de fora dos carros, olhando para o outro lado.

Oscar corre até o terraço.

Vê o cerco de carros de polícia ao redor do prédio.

Que merda que estão fazendo?, ele pensa.

Por que não vão entrar?

Jimmy acessa o elevador de serviço.

Harold tira uma furadeira à bateria da caixa de ferramentas e abre o painel. Dá uma olhada rápida, corta um fio e o encosta em outro, como se estivesse roubando um carro.

Jimmy aperta o botão C, e o elevador começa a subir.

Jorge lembra dos técnicos subindo para consertar o ar-condicionado. Ele vai até o monitor, clica na tela no elevador de serviço e vê dois homens e um painel arrancado.

— Oscar, vem ver isso.

Oscar se aproxima e analisa.

Vê um cara que se parece muito com o policial que eles mataram.

Jimmy McNabb.

Oscar entende agora.

Jorge já está ao telefone.

A porta do elevador se abre no quarto andar.

A arma de Harold está na sua cintura.

Ela atinge o possível atirador e o lança na parede.

A porta se fecha.

— Subindo — fala Jimmy.

Wilmer começa a subir pela escada.

Com a Steyr engatilhada à sua frente.

Os primeiros três andares estão calmos, mas Wilmer ouve uma porta se abrir acima dele, no quarto andar.

Passos.

A pessoa dá mais alguns passos e diz:

— *¿Está bien Oscar?*

Oscar está bem?

Um cara aparece perto do corrimão, com uma Glock 9mm na mão.

Wilmer atira primeiro.

E por último.

Angelo está na escada de incêndio.

Ouve a Steyr disparar lá dentro e sabe que o show começou.

A cena do lado de fora é bem impressionante. Quando ele viu o cerco de carros de polícia, pensou que o show havia sido antecipado, mas os policiais simplesmente se sentaram ou ficaram de pé do lado de fora das viaturas. Alguns moradores do prédio perceberam que algo está errado e estão saindo, os policiais encaminhando-os para fora do cerco.

Mas ninguém está entrando.

Eles vão deixar que Jimmy faça sua festa.

Angelo continua subindo.

Está no sexto andar quando é atingido.

A porta do elevador se abre novamente, desta vez no sexto andar.

O capanga de Oscar não vê ninguém, então coloca a cabeça dentro do elevador.

Jimmy explode a cabeça do cara.

A porta tenta fechar em seu corpo.

Jimmy chuta o corpo para fora, e a porta se fecha.

O barulho é surreal.

Som de tiros na escada abaixo do sexto andar. Wilmer está deitado no chão, de barriga para baixo, rastejando.

Não tem para onde ir, tem que subir.

Atira, rasteja, atira. Ele atira nas paredes, e o som ricocheteia pelos cantos.

Parece uma boa ideia, pois o tiroteio para.

\* \* \*

Angelo deita em posição fetal, espremido contra a tela da escada de incêndio.

O *narco* sai da janela para dar um tiro na cabeça dele.

Angelo atira com a arma debaixo do braço e o acerta primeiro.

Então levanta e continua subindo, agradecendo a Deus e a Jimmy por ambos terem feito com que ele usasse aquele colete.

A porta do elevador não se abre no sétimo andar.

Jimmy e Harold saem no oitavo.

Decidem que o elevador é um caixão vertical em movimento com dois lugares.

Portanto, quando a porta começa a se abrir no nono andar, e os capangas de Oscar arrepentam o elevador com tiros de AK e de MAC, eles não encontram corpo algum.

O que veem é uma mina M16 “acionada”, que dispara alguns milhares de estilhaços em cima deles.

Wilmer está preso entre o oitavo e o nono andar.

Eles foi atingido duas vezes no colete e uma na mão esquerda, e é só uma questão de tempo, não muito, até levar um

tiro na cabeça. Os filhos da puta estão gritando para ele também, provocando.

*¡Vamos, sube, cabrón! ¿Por qué no subes? Suba, seu escroto! Por que não sobe?!*

Ele ouve uma voz diferente. De Jimmy.

— Wilmer, você tá aí embaixo!? Desça um andar! Agora!

Wilmer rola pelas escadas, deixando um rastro de sangue. Ele ouve Jimmy gritar:

— Proteja-se!

Wilmer coloca os braços sobre a cabeça.

Harold chega na porta do nono andar e apoia o lança-granadas no ombro. Ele mira o cano para a ponta da escada e puxa o gatilho.

A explosão é terrível.

Mas o tiroteio para.

Alguns gemidos, nenhum tiro.

— Wilmer, você está bem? — grita Jimmy.

Wilmer não consegue ouvir um barulho sequer.

Só um som agudo dentro do seu ouvido.

Ele passa por cima de uma pilha de corpos quando está a caminho do nono andar. Os degraus da escada estão grudentos de sangue e outras coisas.

Jimmy e Harold puxam Wilmer pela porta.

— Você está machucado — afirma Jimmy.

— Escada ou elevador? — pergunta Wilmer.

— Acho que o elevador não vai mais funcionar — responde Jimmy. — E você fique aqui na escada e pegue qualquer um

que descer.

— Eu quero...

— Sei o que você quer — interrompe Jimmy. — Fique nas escadas.

Harold e ele começam a subir para a cobertura.

Os rádios da polícia estão silenciados, mas o painel de Eva brilha como uma árvore de Natal enlouquecida. Pessoas preocupadas ligando: tiros... explosões... gritos. O que está acontecendo? Outra explosão...

Ela deseja, do fundo do coração, que não tivesse enviado Jimmy nessa missão, nessa cruzada.

Você já perdeu um filho, diz ela para si mesma, e vai lá e envia o outro para a morte? Sua mãe era viciada em jogo, ensinou a ela desde pequena que não se busca dinheiro sujo com boas intenções. Você nunca consegue ganhá-lo, e nunca consegue recuperá-lo.

Agora ela não atende as ligações, mas reza.

Por favor, Deus, por favor, Ave Maria, por favor, São Judas Tadeu, padroeiro das causas perdidas, por favor, envie meu filho de volta.

As explosões chacoalharam Oscar.

Literalmente.

As paredes tremeram, um pequeno maremoto agitou o aquário, e a garoupa está ficando doida.

Jorge não fica muito atrás.

Ele vê as imagens no monitor — seus garotos estraçalhados nas paredes, pedaços espalhados, como uma caixa de partes

humanas caindo do teto — e diz:

— Vou me entregar.

— Não vai porra nenhuma — afirma Oscar.

— Vou sim.

Ele vai em direção à porta.

Oscar dispara a metade de um cartucho nas costas dele. Depois olha para os outros oito homens que vieram para a cobertura para uma última tentativa de salvamento.

— Alguém mais quer se entregar?

Ninguém quer.

— Nós somos nove, eles são quatro — afirma Oscar. — Só temos três caminhos aqui. Cuidamos desses *pendeijos* aqui em cima, descemos para o porão e saímos atirando. Ainda temos uma chance. Dividam-se, vigiem a porta de entrada principal, a dos fundos e o terraço.

Ele caminha para o centro da sala.

Se Jimmy McNabb me quer, ele vai ter que passar pelos outros.

Não dois deles.

Os dois *narcos* que estavam protegendo o terraço decidem descer pela escada de incêndio, esperar até saírem da visão de Oscar, colocar as mãos para cima e tentar a sorte com a polícia.

Eles encontram Angelo subindo até o oitavo andar.

Todo mundo atira ao mesmo tempo.

Harold fica de pé ao lado da porta dos fundos e aponta a arma num ângulo de 45 graus na direção da fechadura.

Jimmy encosta na parede ao lado da porta, pronto para entrar.

Sempre o primeiro a entrar pela porta, certo?

Harold estoura a fechadura e pula para trás.

A porta se abre.

Um paredão de tiros dispara.

Jimmy não entra primeiro desta vez.

Ele envia granadas em seu lugar.

Elas rolam pela porta.

Primeiro, um flash de luz para cegar.

Seguido por uma fragmentação mortífera.

*E então* ele entra.

Quando os meninos faziam uma bagunça na cozinha, Eva costumava dizer que parecia que um furacão tinha atingido a casa.

Essa cozinha parece que levou um soco de um furacão.

As paredes respingadas de sangue.

A geladeira de aço inox manchada.

A porta do forno aberta, caída para um lado, como um maxilar quebrado.

Três mortos, ou quase mortos. Dois deles no chão, um debruçado sobre o balcão. Um sobrevivente encolhido atrás de um tampo de mesa de madeira no meio da cozinha. Ergue-se para atirar em Jimmy, erra, acerta Harold.

No meio da testa.

Os joelhos daquele homem grande cambaleiam, e ele desaba em cima da madeira, escorrega para o lado e morre ao chegar ao

chão.

A vingança sempre tem um preço.

Jimmy vira o cabo da HK, acerta a cabeça do atirador e atravessa a cozinha. Harold está morto, e não há algo que Jimmy possa fazer por ele senão lamentar, e isso será mais tarde.

Agora não há tempo para o luto nem para arrependimentos.

Mais tarde, mais tarde.

Ele ergue a HK e atira para a frente até esvaziar o cartucho.

Angelo enxuga o sangue em seus olhos.

Os ferimentos na cabeça sangram muito.

Um tiro de raspão abriu um rasgo profundo, e ele vai ficar com uma cicatriz feia, mas está vivo, diferente do outro cara que atirou nele e seu colega, ambos pendurados na lateral da escada de incêndio, como roupas secando no varal.

Tonto e machucado, Angelo continua subindo.

Ficar na escada?

Wilmer não vai ficar na escada porra nenhuma.

*Qué carajo.*

Com ou sem Jimmy.

Cão branco, cão preto, é tudo cachorro.

Ele troca sua arma para a mão boa (esquerda) e sobe a escada que dá na entrada principal da cobertura.

Vê a porta aberta.

Ouve tiros e entra.

Jimmy se vira.

Não era para ter alguém atrás dele.

Atira.

Erra a cabeça de Wilmer por milímetros.

Wilmer sorri de alívio.

E então, um tiro o atinge na garganta, outro na boca, um terceiro entre os olhos e, num instante, Wilmer parte deste mundo.

Jimmy se vira e atira.

O atirador cambaleia e cai.

Não há tempo para o luto nem para arrependimentos.

Mais tarde mais tarde mais tarde mais tarde.

Jimmy entra na sala.

Atirando da cintura, alternando da direita para a esquerda, simplesmente atirando, acerta cadeiras, sofás, mesas, janelas, o aquário. Trezentos e cinquenta litros de água se espalham, peixes pulam pelo tapete.

Com o cartucho vazio, Jimmy larga a HK, pega a Glock 9mm e estuda o cômodo com os olhos.

Onde está Oscar?

Deitado atrás do sofá, Oscar vê seu precioso peixe-anjo-rainha azul ofegar sem ar, com a boca tentando puxar o ar, suas lindas listras azul-metálico tremendo.

Ele está indignado.

O que quer fazer é se levantar e acabar com o homem que matou seus peixes e destruiu sua vida. É isso o que quer fazer, mas Oscar Díaz é um covarde, e o que faz é rastejar em direção ao terraço.

\* \* \*

Jimmy vê Oscar, justo quando ele está deslizando pela abertura estilhaçada.

Ele vai até Oscar e pisa na parte de baixo de suas costas.

— Para onde está indo, Oscar? — Jimmy McNabb é um homem grande, seu pé é pesado. Ele levanta a perna e pisa de novo na coluna de Oscar, e mais uma vez, como se quisesse quebrá-la. — Não, você e eu temos um encontro, cara. Temos um compromisso.

Ele pisa em suas costas, suas pernas, seus tornozelos e seus pés.

— Isto é por Danny. Isto é pelo meu irmão. Pela minha mãe. Pelo meu velho.

A voz de Eva:

*Quero que você abrace tudo o que tentei amar em você. Quero que abrace seu ódio. Quero que vingue a morte do seu irmão.*

Oscar urra de dor. Suas mãos ainda seguram a AK, mas Jimmy pisa em seus dedos, quebra alguns, torce outros, machuca outros. Com um pé na mão de Oscar, ele chuta a cara dele com o outro.

*Você faria isso por mim? Faça isso por mim. Pense em Danny. Pense no seu irmão mais novo.*

Jimmy dá um chute na boca de Oscar, quebrando seus dentes.

*E mate todos eles. Mate todos os homens que mataram meu Danny.*

*Pisa na parte de trás da cabeça.*

*Vou matar.*

*Chuta suas têmporas.*

*E faça-os sofrer.*

Jimmy para de chutá-lo.

— Ainda não acabei com você, Oscar. Você vai ficar consciente, acordado. Vou atear fogo em você e te ver queimar, como o lixo que você é. Vai queimar como fez...

O soco acerta a parte de trás do seu pescoço e o impulsiona para frente, passando por cima de Oscar. E então, um antebraço envolve seu pescoço, outro o trava por trás, e ele fica num golpe de estrangulamento.

O cara que estava caído por cima da bancada da cozinha.

Jimmy não consegue respirar.

Está quase desmaiando.

Solta a arma no chão, dá um soco para trás e acerta os olhos do homem. Ele afrouxa o golpe o suficiente para Jimmy conseguir respirar, passar uma mão por dentro do golpe, atingir a carótida do cara, e, ao fazer isso, ele cambaleia no terraço, na direção do parapeito.

O homem se apoia com toda sua força, tentando quebrar o pescoço de Jimmy, mas a mão esquerda de Jimmy segura um dos dedos dele e o quebra. O homem grita, Jimmy se vira, olha para ele e o levanta. Ele o arremessa para o lado e o homem fica no ar, as pernas sacudindo, os braços balançando, gritando com dez andares passando pelos seus olhos.

Jimmy tenta respirar fundo.

Através de olhos marejados, ele vê Oscar rastejando na direção da escada de incêndio, a única coisa em seu caminho...

Neste momento, Angelo chega ao terraço, o rosto como uma máscara de sangue, as pernas bambas.

Oscar atira.

Atinge Angelo abaixo do colete, na coxa, e a artéria femoral espirra sangue como uma mangueira ligada. Oscar passa por cima dele e chega na escada. Jimmy tem uma escolha a fazer.

Matar Oscar ou salvar Angelo.

Angelo grita:

— Pega ele!

Jimmy se agacha ao lado de Angelo.

— Pega ele — diz Angelo, com a voz fraca.

— Não — responde Jimmy. — Peguei  *você*.

Ele pressiona com força a ferida e para o sangramento. Com a outra mão, procura por dentro da roupa seu telefone e liga para a emergência.

Eva ouve: “Policia! ferido, Morgan Avenue número 2203, Algiers, cobertura. Envie os paramédicos.”

Ela envia os paramédicos e agradece a Deus.

— Peguei  *você* — diz Jimmy. —  *Você* vai sair dessa, aguenta firme.

— Ele está fugindo.

— Foda-se.

Porque, às vezes,  *você* está despedaçado, tão despedaçado que não se reconhece. E, de repente,  *você* se encontra.  *Você* está mais forte do que antes, forte o suficiente para pegar toda essa raiva e esse ódio e parar um sangramento.

*Você* está mais forte nas partes despedaçadas.

\* \* \*

Oscar consegue descer pela escada de incêndio.

Com os pés ralados e quebrados, ele vai pulando na direção do rio.

Cinquenta e oito policiais atiram, iluminando a noite de Nova Orleans.

Jimmy McNabb fica de pé no terraço, enquanto os paramédicos colocam Angelo numa maca.

Eles dizem que provavelmente ele vai sobreviver.

Mas Harold e Wilmer não.

Eles morreram — assim como Danny —, e Jimmy não sabe se valeu a pena. Ele se vira para o outro lado e olha para sua cidade.

Mesmo em noites de lua cheia, o rio parece sujo.

Você não precisa dizer a Eva que o mundo é um lugar quebrado.

Ela conhece a vida, conhece o mundo.

Sabe que não importa como se vem para ele, sempre sairá daqui despedaçado.

**PARA O SR. STEVE MCQUEEN**

# CRIME 101

**C**rime 101: mantenha as coisas simples.



Rodovia 101.

Pacific Coast Highway.

Mais conhecida como PCH.

Ela percorre a costa da Califórnia como um cordão de pérola num pescoço elegante.

Davis ama essa estrada como um homem ama uma mulher.

Ele poderia dirigir nela dia e noite.



Davis senta-se ao volante de um Mustang Shelby GT500 preto de teto rígido e spoiler traseiro, aba de Gurney, 550 CV e torque de 70 kgfm.

Crime 101: quando você precisa fugir, precisa fazer isso rápido.

Ele dirige para o norte, passando por uma parte extensa da costa onde o sol se põe sobre o oceano como uma laranja-de-sangue.

À sua esquerda, as ondas quebram na praia de Torrey Pines. À direita, os trilhos de ferro cruzam o córrego Los Penasquitos, e a estrada Carmel Valley circunda as montanhas que ladeiam o

lado norte da lagoa, onde a antiga oficina tem uma das melhores vistas da costa, e a pizzaria existe na memória de Davis desde sempre.

Como uma mulher de humores inconstantes, a Rodovia 101 muda seu nome com frequência. Depois surge a estrada North Torrey Pines, e a alguns metros, ela irá se tornar South Camino del Mar.

Para Davis, é sempre a 101.

Davis segue uma Mercedes 500SL branca que sobe a montanha em direção à cidade Del Mar.

Ele tinha observado Ben Haddad sair da loja em La Jolla com uma amostra nas mãos.

Davis já tinha visto Haddad sair da loja de Sam Kassem inúmeras vezes, mas ainda assim olhava para baixo, para o iPad em seu colo, e checava as fotos de Haddad na exposição anual de joias em Las Vegas. Davis tem fotografias de Haddad na exposição de Vegas, na de Tucson e na Feira de Pedras Preciosas em Del Mar.

Na última, Haddad estava sentado num banco no Red Tracton, com Kassem e suas respectivas esposas. Eles bebiam martinis e sorriam para a câmera.

A foto foi postada no site da Feira de Pedras Preciosas.

Davis sabe que Haddad tem 64 anos, é casado, tem três filhas, e a mais nova é caloura na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Ele sabe que Haddad gosta de beisebol, joga golfe principalmente para sociabilizar e não parou de fumar, apesar de garantir o contrário para seu médico e sua mulher. Sabe que Haddad é todo correto e nunca anda armado.

Davis deixa que alguns carros entrem entre os deles, caso haja alguém seguindo-os. Haddad nunca usou escolta, mas nunca se sabe. De toda forma, Davis não precisa ficar tão perto de Haddad, pois ele sabe para onde o mensageiro está indo.

Davis viu a troca de e-mails entre Kassem e John Houghton, o dono de uma joalheria em Del Mar.

*Ben está a caminho agora.*

A Mercedes estaciona à direita, na joalheria de Houghton.

Haddad faz o que sempre faz, o que acredita ser a coisa prudente a se fazer para um mensageiro. Em vez de estacionar na rua, ele para no pequeno estacionamento nos fundos.

Davis conhece o esquema, pois é sabido entre os mensageiros e os vendedores que os ladrões observam as vitrines das joalherias.

Portanto Haddad estaciona nos fundos e liga para Houghton para dizer que está entrando.

Houghton vai recebê-lo pela porta da frente.

Essa é a anomalia — o acordo conflitante dos mensageiros e donos de loja: o mensageiro quer proteger seu produto, e o dono, sua própria loja. O estoque mais valioso do dono da loja fica no escritório dos fundos, com uma tranca separada da parte da frente da loja. O cofre também fica no escritório dos fundos.

Se um ladrão seguir um mensageiro (ou um vendedor em seu intervalo), o dono da loja não vai querer que ele entre pelos fundos, onde os ladrões poderiam entrar correndo e roubar as coisas realmente valiosas ou obrigá-lo a abrir o cofre.

Então, o mensageiro estaciona nos fundos, mas entra pela porta da frente.

Esse é o buraco.

A rachadura.

O *limite* que Davis sempre busca.

E ele não levará adiante se isso não existir.

Esse é o Crime 101.

Isso e os cigarros.

Davis ouve o que Haddad diz para Houghton no telefone.

*Vou só fumar um cigarro rapidinho e já entro.*

Porque é o carro da família, e Ben não quer que Diana sinta cheiro de cigarro e brigue com ele. E, a não ser que Diana tenha saído para um dos seus encontros com as amigas, esse é seu último cigarro do dia, pois é sua última parada.

Então, o que Haddad faz — o que sempre faz — é estacionar e dizer para Houghton que vai só fumar um cigarro rapidinho.

São só alguns tragos, não um cigarro inteiro, portanto Davis terá, no máximo, um minuto antes de Houghton perceber que seu mensageiro está demorando e sair para ver o que houve. Houghton também é todo certinho, mas carrega uma arma consigo — uma pistola EAA Witness 10mm.

Mas um minuto é mais do que suficiente.

Crime 101: se não for rápido, é melhor não fazer nada.

Haddad sai do carro, acende o cigarro, dá alguns tragos profundos e intensos e apaga-o na sola do sapato.

Davis pisa no acelerador.

Ele pega a pistola SIG Sauer P239 do console do meio do carro e a segura com a mão direita enquanto dirige com a esquerda.

Davis fica atento ao tempo enquanto dá a volta no estacionamento e sai. Ele está todo de preto — suéter preto, calça jeans preta, sapato preto, luva preta, boné preto sem logo na frente.

Com a pistola na cintura, Davis se aproxima por trás de Haddad no momento em que ele está lançando a guimba do cigarro na calçada. Ele encosta o cano da pistola atrás da orelha de Haddad e diz:

— Continue olhando para a frente.

Sem se virar, Haddad entrega a mala de amostras para ele.

— Pegue e vá embora.

Todo certinho.

Não vale a pena.

Pegue a mala de amostras e vá com Deus.

Só que Davis diz:

— Não quero as coisas baratas da mala, Ben. Quero as “coisas boas” que estão nas bolsas presas no seu tornozelo. Os papéis.

Haddad hesita. É nessa hora que tudo pode dar errado. É nessa hora que tudo desanda.

Davis não vai deixar que isso aconteça.

— Quero que você vá pra casa, pra Diana — diz ele. — Quero que você leve Leah até o altar em... o que, três semanas?

Haddad também quer levá-la até o altar. Ele se agacha, retira as bolsas de velcro dos tornozelos e as entrega por cima do ombro.

— Seu telefone — pede Davis.

Isso só irá dar a ele alguns segundos a mais, mas esse tempo pode ser crucial.

Haddad entrega o telefone celular. Davis arranca a bateria, lança ela no meio do mato atrás do estacionamento e devolve o aparelho para ele. Não faz sentido ser um escroto levando o telefone e deixando o cara sem todos os contatos e as fotos da família.

— Se você se virar — avisa Davis —, verá uma bala entrando na sua cabeça. Pessoalmente, eu não morreria por uma seguradora.

Haddad não se vira.

Davis entra de volta em seu carro e vai embora.

Espaço de tempo: 47 segundos.

Ele dirige três quarteirões ao norte e para no estacionamento subterrâneo do complexo de apartamentos de férias. O seu é o de número 182, que ele alugou por um mês, com duas vagas de garagem.

Em sua outra vaga, tem um Camaro ZL1 prata.

Motor 6.2 SC V8.

Supercharger Eaton com rotor de quatro pistões.

Tecnologia de amortecedores magnéticos.

O estacionamento está com metade de sua capacidade total ocupada.

Como sempre, Davis vê diversos carros, mas nenhuma pessoa.

Ele sai, retira rapidamente as placas roubadas do Mustang e as substitui com as genuínas. Ele pega os papéis das joias das bolsas de tornozelo, guarda-os dentro do bolso do casaco e joga as

bolsas na lixeira. Então, pega a SIG no Mustang, entra no Camaro e pega a Rodovia 101.

Se alguém estiver atrás de um carro fugindo, estará procurando um Mustang preto, que agora está literalmente debaixo do solo.

Com nada lá dentro que o conecte a ele.

Mesmo se encontrarem o carro, não acharão qualquer coisa.

Ele pagou o apartamento em dinheiro e fez o contrato com um nome falso. Tudo o que vão encontrar é uma caixa postal em San Luis Obispo que ele jamais irá acessar.

É claro que ele perderia o carro, mas é uma boa troca.

Não poderia dirigi-lo na prisão, de qualquer forma.

Ele sai de carro e vai na direção norte da 101.

Passa por Del Mar, pela pista de corrida.

Passa pela placa rosa de neon em Fletcher Cove que anuncia SOLANA BEACH, passa pela Tidewater Bar, pela Pizza Port, pela loja de surfe Mitch's e pela Moreland Choppers. Desce a montanha até o longo trecho de praia de Cardiff, sobe e passa por Swami's e Encinitas, pela praia de Moonlight, pelo antigo teatro La Paloma, por baixo da placa em arco sobre a 101, onde se lê ENCINITAS.

Passa pelos trilhos de trem e pelas árvores de eucalipto da curiosa cidade de Leucadia, pela antiquada Carlsbad, pela antiga estação de energia, com suas chaminés que evocam tanto Springfield quanto Blake.

Davis segue pela 101, até ser obrigado a virar para oeste no Oceanside Boulevard e entrar na 5 North para passar por dentro de Camp Pendleton, a base da Marinha, que é uma pedra no

sapato. Ele sai da 5 North o mais rápido que pode, em Los Cristianitos, San Clemente, dirige por dentro da antiga cidade de surfistas, passa pela Capistrano Beach, sobe até Dana Point, passa por Laguna Niguel, South Laguna e, finalmente, chega em Laguna Beach.

Davis nunca se cansa de dirigir, nunca se cansa do oceano e suas mudanças constantes, dos monumentos. Seu porto seguro.

Ele para no estacionamento de outro complexo de apartamentos, do lado leste da 101, de frente para a Main Beach e o Museu de Arte de Laguna.

Davis aperta o botão do controle preso no espelho retrovisor. O portão de metal se abre, e ele adentra o estacionamento subterrâneo de concreto e para em uma de suas duas vagas designadas, marcadas na parede como Apartamento 4.

Ao lado está um Dodge Challenger SRT8 preto 2011.

Motor Hemi V-8.

Para-choque dianteiro.

Válvula Vct.

Davis gosta que seus carros sejam americanos, velozes e poderosos.

Ele sai do Camaro, anda até o pequeno elevador, vai até o terceiro andar e entra no apartamento 4.

Ele é bem comum — uma salão amplo, com uma pequena cozinha e um balcão ao fundo, uma sala de estar com uma porta de vidro de correr que dá numa varanda estreita com uma mesa, algumas cadeiras e uma churrasqueira a gás. Do outro lado do apartamento, um corredor leva a um quarto de hóspedes, dois banheiros e uma suíte master com vista para o mar.

O imóvel deve custar cerca de um milhão.

Davis não compra, não possui qualquer coisa.

Nenhum dos lugares.

Ele aluga.

Apartamentos de férias mobiliados e com segurança. Eles vêm como tudo — TV, som, panelas, louça, copos, xícaras, máquina de café, torradeira, talheres, toalhas, panos de prato e até sabonete.

Davis aluga os lugares sob nomes diferentes e sempre paga em dinheiro.

Adiantado.

Crime 101: as pessoas que recebem dinheiro raramente fazem perguntas.

O negócio é o seguinte.

Há complexos de apartamentos por toda a 101.

As pessoas compram esses lugares, mas a maioria não mora lá durante o ano todo. Muitos deles servem como locais de férias para famílias se reunirem no verão ou para habitantes de estados muito frios passarem o inverno. O resto do tempo ficam vazios, e muitos donos alugam para poderem pagar o financiamento.

E, como é um saco administrar isso sozinho, a maioria dos donos paga a uma administradora, que fica com uma porcentagem.

Elas alugam por mês, por semana, ou até por dia se for em frente à praia; e tudo o que você precisa fazer é comprovar sua renda para uma dessas empresas administradoras. Então pode trocar de apartamento quantas vezes quiser.

O público desses apartamentos é, em sua maioria, temporário e anônimo. Alguns indivíduos estão fugindo do inverno gelado de Minnesota ou Wisconsin, outros estão esperando o contrato acabar para saírem da casa que acabaram de comprar ou vender. Alguns são divorciados “em transição”. Outros simplesmente gostam de morar perto da praia. Eles vêm e vão. É possível morar ali sem nunca conhecer um vizinho ou só cumprimentar no estacionamento ou na piscina.

Esse tipo de coisa funciona para Davis. Ele negocia com cinco administradoras diferentes, sob cinco identidades diferentes. Nunca fica num mesmo lugar por mais de dois meses e raramente volta para um mesmo apartamento.

O que aprendeu foi:

Se você vive em todos os lugares, você não vive em um específico.

Seu endereço é a 101.

Davis vai até a geladeira e pega uma garrafa de San Pellegrino. Senta-se no sofá, pega os papéis do bolso e os abre.

Cinco pequenos embrulhos de papel branco fino dobrado metodicamente. Dentro do papel branco há uma fina camada de papel azul.

Dentro de cada papel azul:

Um anel de diamante com lapidação esmeralda.

Valor total:

Um vírgula cinco milhão de dólares.

Davis se levanta, vai até a varanda e olha para o mar e para a 101.

• • •

O tenente Ronald — “Lou” — Lubesnick está no pequeno estacionamento nos fundos da loja de joias de Houghton e olha para Ben Haddad.

— Acho que é isso o que estou tentando dizer — repete Lou. — Você faz dezenas de viagens por mês entre a La Jolla de Sammy e aqui. A maior parte do tempo com alguns milhares de dólares em mercadorias. Mas na *única noite* em que está carregando um milhão e meio em pedras preciosas, *é justamente* quando é roubado?

Lou dá de ombros.

Seu parceiro, McGuire, sorri. Esse movimento de ombros de Lou é famoso. O que dizem na Divisão de Roubos é que Lou diz mais com os ombros do que com a boca. O que é muita coisa, pois Lou fala demais.

Como neste momento, que está dizendo:

— Quer dizer, tem algo nessa história que *não* demonstra “trabalho interno”? O cara simplesmente deu sorte?

— Ele não recebeu informação alguma de mim — responde Haddad, teimoso.

E eles remontam a história outra vez.

Um cliente de Houghton queria olhar algumas pedras preciosas que ele não tinha, mas Sammy Kassem, sim. Sammy escolheu uma amostra de cinco pedras da sua loja para o cliente analisar. Haddad as levou até lá e foi abordado no estacionamento. O assaltante aparentemente sabia que a amostra era de mentira e que as pedras verdadeiras estavam nas bolsas de velcro presas em seu tornozelo.

Haddad não sabe descrever a cara do sujeito, a placa do carro, o próprio carro — nem a cor ou a marca.

— Ele surgiu do nada — explica Haddad. — E me disse para não me virar para olhar.

— Você fez a coisa certa — fala Lou. Ele preferia trabalhar com um grande roubo do que com um assassinato. Lou ficara cinco anos na Divisão de Homicídios antes de ser transferido. A pior parte era informar às famílias.

— Você tem alguma ideia se a altura dele era parecida com a sua? — pergunta Lou.

— Talvez mais alto.

— E o sotaque?

— Ele não tinha.

— Todo mundo tem algum — afirma Lou. — Está dizendo que ele não era negro nem hispânico?

— Isso.

McGuire sabe o que Lou está buscando. Quase todos os roubos de joias encomendados no país são feitos por gangues colombianas ligadas aos cartéis de drogas. Há um ano, mais ou menos, eles estavam roubando a Costa Leste como garotos de dez anos jogando Bate Monster em lanchonetes. Se eles tivessem ido para a Costa Oeste seria uma péssima notícia.

Lou Lubesnick e Bill McGuire formam uma equipe esquisita. Lou tem 1,78 metro, um pouco de fios grisalhos salpicados no meio de seu cabelo preto-escuro e uma barriga caindo por cima do cinto. McGuire tem 1,93 metro, é ruivo com sardas e magro, e seu corpo tem formato de cabide.

Juntos, parecem mais uma dupla de comédia do que dois policiais, mas há muitos caras na divisão que não veem graça alguma na dupla Lubesnick e McGuire, principalmente depois que Lou tornou-se diretor da Divisão de Roubos, com cinco outros veteranos abaixo dele.

Alguns membros da equipe estão explorando a vizinhança para ver se alguém viu alguma coisa, enquanto o resto está no estacionamento em busca de marcas de pneu ou pegadas.

Lou foca sua atenção em Houghton.

— Você percebeu alguém andando por aqui, observando a loja?

— Acho que eu teria mencionado isso — responde Houghton.

Lou é imune ao sarcasmo, completamente surdo.

— Algum cliente entrou, olhou a loja, mas não comprou alguma coisa?

— Todos os dias — retruca Houghton. — Com essa economia, as pessoas são meros olheiros.

Ele diz “olheiros” com desdém.

— Mas ninguém específico — completa Lou.

Houghton balança a cabeça negativamente. Isso não é uma tarefa fácil, já que ele tem uma cabeça enorme e uma papada de respeito. Sua pele é branca como o leite, outra tarefa nada fácil, já que sua empresa fica a algumas centenas de metros da praia.

— Quero ver suas câmeras de segurança — pede Lou.

Eles entram na loja e analisam as fitas, que não são mais fitas, mas, como tudo hoje em dia, uma gravação digital num computador. Houghton tem câmeras que cobrem a porta da

frente, a parte de dentro da loja e a entrada dos fundos, mas nada no estacionamento nos fundos.

— Por que não? — questiona Lou.

— Porque nada acontece ali — responde Houghton.

Lou dá de ombros.

Algo aconteceu ali.

Lou olha para baixo e vê uma guimba de cigarro. Ele se vira para Haddad.

— Sua?

— Isso precisa entrar no relatório?

Lou nega com a cabeça.

Ele também é casado.

McGuire se senta no banco do carona do carro de Lou.

— Aposto vinte dólares que Sammy vai desovar essas pedras no Brasil daqui a seis semanas.

— Estaríamos pensando nisso se ele não fosse do Oriente Médio? — Lou não deve ser o único policial de San Diego que contribui para a ACLU (União Americana pelas Liberdades Civis), mas é o único que admite. — Não me diga que não olhamos para eles de forma diferente.

— Quem sabia dessa entrega? — indaga McGuire. — Sammy, Haddad, Houghton. Poderia ter sido Houghton, pelo que sabemos. Ele mesmo disse que os negócios andam mal. Talvez ele tenha dado uma comissão para os ladrões e ficado com o resto.

— Ladrões? No plural? — Quadrilhas não fazem assim, Lou pensa. Eles são pega-e-leva. Literalmente quebram a janela do

carro do transportador e pegam a mercadoria. Na metade das vezes, espancam o cara, o esfaqueiam ou dão um tiro nele.

São violentos.

Esse cara devolveu o celular dele.

— Não faça isso — pede McGuire.

— Não faça o quê? — pergunta Lou, embora saiba o que é.

— Não faça essa sua coisa solitária.

Lou pensa sozinho que talvez haja um cara organizando uma série de roubos em lojas de joias de alto nível.

Onze roubos nos últimos quatro anos.

Consistente — sempre transportadores ou vendedores que estejam carregando um valor alto.

Eficiente — chega e vai embora de forma rápida, mesmo que haja testemunhas que não façam *ideia* do que viram.

Paciente — a mercadoria não aparece no mercado ilícito por meses, se é que chega a aparecer. Portanto nosso rapaz não tem pressa alguma para receber.

Discreto — nenhum dos contrabandistas sabe algo sobre ele.

E preciso — há mais sangue derramado num jogo de futebol infantil do que em todos esses roubos juntos.

Primeiro, ninguém achou que os roubos estivessem relacionados. Ninguém os analisou juntos, pois eram espalhados em jurisdições diferentes — San Diego, Los Angeles, Orange County, Mendocino —, e ninguém compartilhou as informações.

O que se soube é que era uma “quadrilha”. (Promotores *amam* quadrilhas. São ótimas manchetes de jornal, com excelentes fotos na primeira página.)

Foi Lou quem checou os relatórios das seguradoras e uniu os roubos; foi Lou quem apresentou a teoria de que eles estavam procurando um único indivíduo.

— Um lobo solitário — disse seu chefe, quando Lou falou sobre isso pela primeira vez.

— Se olharmos tudo junto — retrucou Lou.

— Porra nenhuma.

Se fosse uma quadrilha, Lou argumentou, alguém já teria cometido um erro — teria se gabado numa boate, deixado sua mulher puta da vida, ou sido preso por outro crime e tentado subornar a polícia.

Mas um único cara, montando seu próprio esquema, fazendo tudo de um jeito calculado...

Esse cara não vai nos dar nada que nos ajude a capturá-lo.

É o Crime 101.

Lou normalmente é zombado pela sua “teoria do lobo” sobre o Ladrão Solitário.

Os seus chefes, as companhias de seguros e até os caras da sua própria divisão o sacaneiam pelo seu *crush* masculino, seu romance com Robie, “o gato”, depois do filme antigo sobre um ladrão de joias.

Como se chama? Lou tenta lembrar.

*Ladrão de casaca*, é isso.

Sim, Lou pensa. *Ladrão de casaca*.

Nada de ladrões.

Ladrão.

No singular.

— Mesmo se houvesse um ladrão de verdade aqui — diz McGuire —, e eu não estou dizendo que tem, provavelmente, são os colombianos. E digo isso porque quase sempre são eles.

— Como podemos saber? — pergunta Lou.

McGuire odeia quando Lou entra no seu modo palestrante.

— Como podemos saber o quê?

— Como podemos saber que quase sempre são os colombianos? — esclarece Lou. E então, como McGuire sabia que ia acontecer, ele responde à sua própria pergunta. — Porque eles são pegos.

— E daí?

E daí, Lou pensa, que esse cara não é.

• • •

Davis entra no Cliffs vestindo uma camisa branca engomada (feita sob medida, mas sem monograma), abotoaduras e um terno preto de gabardine de lã de três botões da Hugo Boss.

Sapatos de couro preto.

Davis tem poucas roupas, mas todas são de boa qualidade.

Clássicas.

Versáteis.

Um pouco retrô.

Como Davis.

Seu cabelo castanho é curto, típico dos anos 1960 pré-Beatles, como se tivesse saído de uma reunião de campanha do Kennedy ou do Corpo da Paz.

Ou de um filme de Steve McQueen.

Davis já viu todos os filmes de Steve McQueen, a maioria deles diversas vezes. Davis *seria* Steve McQueen, exceto pelo fato de Steve McQueen já ser Steve McQueen, e um outro jamais existirá.

Mas, para Davis, McQueen era a definição viva do que era bacana na Califórnia.

Se a 101 fosse um ator, seria Steve McQueen.

A mulher com o cabelo castanho na altura dos ombros é a mais atraente do restaurante.

O que é alguma coisa.

Todas as cerca de uma dúzia de mulheres bebericando vinho branco ou martíni no bar do local badalado são lindas e malhadas de ioga, musculação e spinning, pois é como elas entram ali.

Davis se aproxima dela e diz:

— Deve ser muita pressão ser sempre a mulher mais bonita de um local lotado de gente.

Ela se vira para ele e pergunta:

— Por onde você esteve?

— Fiz uma reserva aqui — responde Davis. — Pode ser, ou você quer ir para outro lugar?

— Como sabe que não estou esperando alguém? — pergunta Traci.

— Não sei — responde Davis. — Só espero que não esteja.

— E se eu estiver — diz ela, sem o mínimo traço de rancor —, você vai chamar uma dessas outras piranhas magricelas.

— É que odeio comer sozinho.

Alguns segundos depois, Derry, o gerente, se aproxima e avisa:

— Sr. Delaney, sua mesa está pronta. Boa noite, Traci.

Davis entrega uma nota de cinquenta dólares para ele num aperto de mão e eles seguem para a mesa.

No jantar, Traci come diversas entradas em vez de um prato — vegetais, peixe, frango —, nada que pudesse acrescentar um grama de gordura àquele corpo.

— Então, por onde você *esteve*? — pergunta ela com um palito de satay de frango preso entre os lábios. — Já faz... o quê? Uns dois meses, mais ou menos?

— Mais ou menos — responde Davis. — Estive fora da cidade fazendo uma consultoria.

— E como foi?

— Tudo certo.

Traci sabe que Michael não gosta de conversar sobre trabalho. Ele gosta de falar de música, filmes, esportes, notícias, carros, arte, surfe, ioga, triatlo, comida, bicicleta, mas trabalho, não. Então, ela muda de assunto para falar sobre o treinamento que está fazendo para o Ironman.

Quando a conta chega, Davis coloca algumas notas de vinte dentro do porta-comanda.

— Por que você sempre paga em dinheiro? — indaga Traci.

— Odeio pagar contas.

— Tanto quanto odeia comer sozinho?

— Quase.

— Você também odeia dormir sozinho? — pergunta Traci, com um olhar que alguns caras pagariam mil dólares para ver uma única vez na vida.

Lou fica feliz em ver que o Meu Bom está aberto.

O cara trabalha em horas irregulares.

O carrinho de cachorro-quente, parado num estacionamento vazio na esquina da Lomas Santa Fe com a 101, na verdade se chama Menu Bom, mas algum brincalhão removeu a letra n, e o novo nome pegou.

Lou entra com seu Honda Civic no pequeno estacionamento.

Seu carro é objeto de intimidação constante.

— Por que você não compra um carro novo? — perguntou McGuire em mais de uma ocasião.

— Por quê? — retrucou Lou de volta.

— Porque ele tem doze anos — falou McGuire.

— Assim como sua filha — falou Lou. — Você vai substituí-la?

— Lindsey não tem 320 mil quilômetros rodados.

— Trezentos e oitenta — corrigiu Lou. — E acho que consigo chegar aos 480. Você coloca óleo nesses carros e eles funcionam pra sempre.

Mas é atípico, McGuire sempre diz, que um tenente da polícia de San Diego dirija um carro que poderia ter uma placa da Domino's presa no teto. E seu interior não é nada melhor — os assentos estão velhos e desgastados de sol, migalhas das muitas refeições itinerantes de Lou (In-N-Out Burger, Rubio's, Jack in

the Box) estão grudadas às costuras, e o painel é neandertal — sem alto-falante para o celular, sem rádio de satélite, sem GPS.

— Morei em San Diego minha vida inteira — afirmou Lou. — Sei como chegar aonde preciso ir.

— E se sair de San Diego? — perguntou McGuire. — Se fizer uma viagem de carro?

— *Nesse* carro?

Angie se recusa completamente a entrar no Civic. Eles normalmente usam o Prius, nas raras ocasiões em que saem juntos.

Lou caminha até a carrocinha de cachorro-quente e olha para o quiz escrito à mão no quadro.

— Alaska — fala Lou.

— O quê?

— A resposta para a pergunta do quiz — responde Lou. — O estado com a maior superfície de água. O que eu ganho?

— Mostarda de graça no seu cachorro-quente.

— É meu dia de sorte. Um cachorro-quente picante, com o molho separado.

— Nunca ouvi falar nisso.

— E uma Coca — completa. — Não, uma Coca Diet. Não, uma Coca normal.

Porque que se dane, né? Ele está tentando não comer muito e ia chegar em casa a tempo de jantar, quando Angie ligou e disse que ia sair com as amigas.

Lou pega seu cachorro-quente e vai até a frente do carrinho, onde ficam os condimentos. Ele incrementa o sanduíche com